

1º Período

Introdução aos Estudos da Tradução

*Meta Elisabeth Zipser
Silvana Ayub Polchlopek*

Florianópolis, 2008.

Governo Federal

Presidente da República: Luiz Inácio da Silva

Ministro de Educação: Fernando Haddad

Secretário de Ensino a Distância: Carlos Eduardo Bielschowky

Coordenador Nacional da Universidade Aberta do Brasil: Celso Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Lúcio José Botelho

Vice-reitor: Arioaldo Bolzan

Secretário de Educação a Distância: Cícero Barbosa

Pró-reitor de Orçamento, Administração e Finanças: Mário Kobus

Departamento de Educação a Distância: Araci Hack Catapan

Pró-reitor de Desenvolvimento Urbano e Social: Luiz Henrique

Vieira da Silva

Pró-reitora de Assuntos Estudantis: Corina Martins Espíndola

Pró-reitora de Ensino de Graduação: Thereza Christina Monteiro

de Lima Nogueira

Pró-reitora de Cultura e Extensão: Eunice Sueli Nodari

Pró-reitor de Pós-Graduação: Valdir Soldi

Pró-reitor de Ensino de Graduação: Marcos Laffin

Centro de Comunicação e Expressão: Viviane M. Heberle

Centro de Ciências da Educação: Carlos Alberto Marques

Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol na Modalidade a Distância

Diretora Unidade de Ensino: Viviane Heberle

Chefe do Departamento: Rosana Denise Koerich

Coordenador de Curso: Maria José Damiani Costa

Coordenador de Tutoria: Vera Regina de A. Vieira

Coordenação Pedagógica: LANTEC/CED

Coordenação de Ambiente Virtual: Hiperlab/CCE

Projeto Gráfico

Coordenação: Luiz Salomão Ribas Gomez

Equipe: Gabriela Medved Vieira

Pricila Cristina da Silva

Equipe Coordenação Pedagógica Licenciaturas a Distância EaD/CED/UFSC

Laboratório de Novas Tecnologias - LANTEC/CED

Coordenação Geral: Andrea Lapa

Coordenação Pedagógica: Roseli Zen Cerny

Material Impresso e Hiperídia

Coordenação: Thiago Rocha Oliveira

Diagramação: Flaviza Righeto

Preparação de gráficos: Flaviza Righeto

Ilustrações: Bruno Nucci

Revisão gramatical: Tony Roberson de Mello Rodrigues

Design Instrucional

Coordenação: Isabella Benfica Barbosa

Designer Instrucional: Felipe Vieira Pacheco

*Copyright@2008, Universidade Federal de Santa Catarina/LLE/CCE/UFSC
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida
e gravada sem a prévia autorização, por escrito, da Universidade
Federal de Santa Catarina.*

Ficha catalográfica

Z68

Zipser, Meta Elisabeth

Introdução aos estudos de tradução / Meta Elisabeth Zipser,
Silvana Ayub Polchlopek.— Florianópolis : LLE/CCE/UFSC,
2008.

125p. : 28cm

ISBN 978-85-61483-03-6

1. Tradução. 2. Teorias tradutórias. I. Polchlopek, Silvana Ayub. II. Título.

CDD 418.02

Elaborado por Rodrigo de Sales, supervisionado pelo setor técnico da Biblioteca
Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

Sumário

Unidade A 17

1 Tradução - Conceitos e Definições19

2 Os Estudos da Tradução.....23

Sugestões de Leitura26

Unidade B..... 29

1 O Modelo de James Holmes.....31

Sugestões de Leitura41

2 Um Pouco de História43

Sugestões de Leitura48

3 Rumo a uma Teoria - Contemporânea - da Tradução.49

Sugestões de Leitura54

Unidade C..... 57

1 O Funcionalismo59

1.1. Teorias Funcionalistas da Tradução59

1.2. O Funcionalismo para os Estudos da Tradução.....61

1.3. A Teoria de Christiane Nord.....64

Sugestões de Leitura68

Unidade D	71
1 A Virada dos Anos 90.....	73
Sugestões de Leitura	77
2 A Análise do Discurso e a Tradução.....	79
Sugestões de Leitura	86
Unidade E.....	89
1 A Tradução vista como processo e como produto.....	91
1.1. A Tradução vista como Processo.....	91
1.2. A Tradução vista como Produto.....	93
Sugestões de Leitura	95
Unidade F	97
1 Mapeamento da Disciplina	99
Sugestões de Leitura	103
Unidade G	105
1 Prática de Tradução.....	107
Considerações Finais.....	116
Glossário.....	117
Bibliografia	123

Apresentação

Nossa Primeira Conversa

Caro(a) aluno(a),

Este curso sobre Introdução aos Estudos da Tradução tem por objetivo maior oferecer a você uma breve introdução concernente à área, reunindo algumas das mais importantes tendências e contribuições dos estudos tradutórios. Apresentamos a você os principais conceitos e modelos de estudos tradutórios dentro de uma área de pesquisa que tem se desenvolvido rapidamente nas últimas décadas. Aproveitamos para esclarecer que o foco deste material de estudo é a tradução em sua forma escrita e não como interpretação oral. Pensando em apresentar a você uma visão abrangente dos principais pontos da área, selecionamos e organizamos os tópicos de estudo da seguinte maneira:

- Primeiros percursos, abrangendo alguns conceitos e definições de tradução;
- Alguns caminhos e teorias, com a apresentação do modelo de Holmes, dados históricos e teorias contemporâneas da tradução;
- O Funcionalismo, apresentando algumas teorias funcionalistas;
- A década de 90 para os estudos da tradução;
- A tradução vista como processo e produto;
- Mapeamento da disciplina;
- Prática de tradução (noções iniciais).

No que diz respeito à organização das seções deste material, você poderá encontrar ao final de cada item abordado um resumo de todo o conteúdo e também sugestões de leitura, incluindo uma bibliografia especializada e *links* para pesquisas na internet.

A área dos estudos da tradução oferece uma arena de pesquisa envolvente e fascinante, visto que a tradução é uma forma de divulgar e aproximar culturas e contextos históricos. Esperamos que, ao final deste curso, você não só tenha uma visão mais completa dessa área de estudo, mas que também tenhamos despertado em você a vontade de fazer parte dela.

Antes, porém, de apresentar os conceitos e definições da nossa disciplina, gostaríamos que você lesse a [entrevista](#) que o Prof. Dr. João Azenha Junior,

A entrevista pode ser acessada no site: <http://www.delila.ws/brasilien/projekt/artikel/p34s5-8.html>

da Universidade de São Paulo, USP, concedeu à Revista Projekt nº 34 (ISSN 1517-9281), em novembro de 1999. A revista é publicada no Brasil, em São Paulo, sob os cuidados da ABRAPA (Associação Brasileira de Associações de Professores de Alemão), com o apoio do Instituto Goethe. João Azenha é professor da USP no âmbito do Ensino da Tradução e atua igualmente como tradutor. Vejamos o que ele tem a nos dizer:

João Azenha Junior, o premiado tradutor de *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder - *Redação da Projekt*



Jostein Gaarder

O mundo de Sofia (1991), do escritor norueguês Jostein Gaarder, é um dos grandes sucessos do mercado editorial brasileiro da década de 90. *Sofia* ocupou, durante mais de 40 meses, desde o seu lançamento oficial em 1995, os primeiros lugares nas listas de livros mais vendidos no Brasil, segundo dados constantes da lista de *best-sellers* dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.

Sofia é um romance de 600 páginas que conta a história da filosofia para um público destinado inicialmente a adolescentes. Apesar do evidente mérito da obra em si, o que tornou o autor norueguês conhecido no Brasil deve-se à tradução primorosa da obra feita por João Azenha Junior, tradutor premiado, professor de tradução junto ao Curso de Língua e Literatura Alemã da USP e diretor do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT) do Departamento de Letras Modernas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Engana-se, porém, quem pensa que ele só traduziu a *Sofia* (vide, ao final da entrevista, a lista de suas traduções do alemão para o português).

Ele é detentor de vários prêmios de tradução: o Prêmio APCA (da Associação Paulista dos Críticos de Arte), ganhou em 1986 pela tradução da série *O pequeno vampiro*, de Angela Sommer-Bodenburg, e o Prêmio Monteiro Lobato (1996) pela tradução de *O mundo de Sofia*, além de uma indicação para a Lista de Honra do IBBY (*International Board of Books for Young People*) e duas indicações, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção brasileira da IBBY, para a Lista dos Livros Altamente Recomendáveis de 1995 e 1996, respectivamente, por *O mundo de Sofia* e *O dia do Coringa*, de Gaarder. Na esteira do sucesso editorial de *Sofia*, Azenha foi alvo de várias homenagens e entrevistas em órgãos da mídia impressa e televisiva. Nós, da Revista *Projekt*, não poderíamos deixar de entrevistá-lo também, dada sua condição de excelente tradutor brasileiro de obras em língua alemã.

RP – Como você iniciou o ofício de tradutor?

JAJ – Iniciei meu trabalho como tradutor autônomo em 1982, com um livro cujo título, em português, é *Conceitos fundamentais da história da arte*, de Heinrich Wölfflin, para a Martins Fontes. Passei, depois, para a tradução de literatura infanto-juvenil. Durante alguns anos, fiz a tradução de cinco livros do autor dinamarquês Willy Breinholst sobre casais jovens que iam ser pais pela primeira vez. Depois, veio a série “O pequeno vampiro”, destinado a jovens, e, paralelamente, traduzi os diários de Paul Klee e Alma Mahler-Werfel, e livros sobre o taoísmo e Yin-Yang, traduzidos do inglês.

RP – Para que editora ou editoras você trabalha hoje?

JAJ – Como tradutor autônomo, não tenho vínculo empregatício com nenhuma editora. A Companhia das Letras me chamou para fazer a tradução da *Sofia*, depois, *O dia do Coringa*, de Gaarder, e, mais recentemente, a obra de Hans-Magnus Enzensberger, *Por onde você andou, Robert?*, já lançada no mercado este ano.

RP – Como se dá normalmente a escolha de trabalho de um tradutor?

JAJ – Em geral, o tradutor não escolhe o que quer traduzir, ele é convidado a fazer a tradução de obras que a editora quer. De todos os livros que traduzi até hoje, apenas um foi proposto por mim: *A história do mago Merlin*, de Dorothea e Friedrich Schlegel, para a Martins Fontes. A experiência dessa tradução deu origem, depois, à minha dissertação de Mestrado. As demais foram propostas das editoras, que já têm linhas editoriais previstas, já com determinados títulos. Elas procuram tradutores de acordo com o perfil de cada obra a ser traduzida.

RP – Existe alguma diferença entre traduzir livros técnicos e livros literários?

JAJ – Uma vez me pediram para rever a tradução de um livro técnico e avisaram: “Olha, o livro foi traduzido por um técnico da área, então, está 100% correto do ponto de vista terminológico”. Quando me pediram para rever a sintaxe, estavam me pedindo para reescrever o livro usando a terminologia correta. O que isto significa? A tradução de livros técnicos não pode se restringir somente ao plano da terminologia. Essa tradução precisa passar por todos os processos de redação dos outros livros. Precisa ter uma estrutura clara, ser bem escrita, a fim de que tenha efeito sobre o leitor. A diferença é que você trabalha de maneira controlada, para um público específico. Mas, intrinsecamente, os problemas não são muito diferentes dos que surgem da tradução de textos literários.

RP – Para traduzir uma obra como *Sofia*, cujo tema é a filosofia, foi necessário conhecer um pouco de filosofia?

JAJ – É necessário saber um pouco de filosofia, sim. O livro possui dois aspectos: um, que tem que ser trabalhado do ponto de vista da linguagem, dos diálogos da Sofia com sua mãe, com sua amiga e com seu professor de filosofia. O outro diz respeito à história da filosofia, dos pré-socráticos a Sartre. Diante desses dois aspectos, é preciso que o tradutor tenha o bom senso de obter o conhecimento necessário e conseguir fazer o trabalho dentro do prazo previsto pela editora. Se alguém me perguntar algo sobre esses filósofos, eu não vou saber responder. No entanto, tudo o que está no livro foi pesquisado até onde me exigiu. Quando eu não entendia um conceito que estava sendo passado, estudava mais, na medida do que precisava saber, tendo em vista que o que eu estava traduzindo não era um tratado sobre Aristóteles ou sobre Platão.

RP – Quais são os principais desafios de um trabalho de tradução: a obra ou o idioma?

JAJ – A principal dificuldade é quando o autor trabalha a linguagem de uma forma estética, explorando os limites da língua até onde pode, o que obriga o tradutor a trabalhar também as potencialidades da língua na qual redige a tradução. Quanto às facilidades, o principal é quando nos identificamos com a obra. Condições de trabalho plenas, ao nosso alcance, também favorecem.

RP – Qual a relação do tradutor com a leitura, a reescritura e a criatividade?

JAJ – O tradutor é um leitor diferente: lê sempre com a ótica da tradução, procurando localizar aqueles pontos que são problemáticos para a tradução. Isto porque o processo de tradução não termina com a leitura, ele avança para a parte da reescritura. Nessa fase, ele se preocupa em utilizar os recursos criativos de que dispõe. É ilusório pensar que, na tradução, você se embota e corta os laços com a criatividade e só trabalha mecanicamente a transferência de palavras e orações. Você trabalha com o sentido que se forma dentro de você. A partir dessa reconstrução do sentido, você reconta a história que leu, usando, para isso, toda a sua força expressiva. Eu, francamente, não sei até que ponto essa escrita expressiva difere de qualquer outra.

RP – Quantas línguas o tradutor hoje no Brasil deve dominar?

Vamos começar falando da Europa. Lá, quem quer ser tradutor deve dominar bem as três línguas consideradas mais importantes: o inglês, o francês e o alemão. E uma língua exótica: o dinamarquês ou o português, por exemplo. No caso do Brasil, é um pouco diferente. O mercado trabalha fundamentalmente com o inglês, depois, com o francês e o alemão. São essas as línguas dominantes. Quero, porém, chamar a atenção para o português. Ele serve tanto para o mais corajoso que quer ir para o mercado europeu traduzir do português para outra língua, quanto para aqueles que trabalham aqui, fazendo o percurso mais tradicional: traduzir de outra língua para a nossa. Nesses dois casos, é importante investir na língua estrangeira, mas é importante, sobretudo, investir na nossa própria língua.

RP – Quais as implicações que existem em traduzir uma obra já traduzida para outro idioma, como no caso de *O mundo de Sofia*?

JAJ – Em relação ao livro, nenhum problema. Eu estava com uma versão alemã autorizada pelo autor e tinha também o original em norueguês; caso fosse necessário consultá-lo, poderia recorrer a um colega de trabalho, que é norueguês e também tradutor. Mas isso não foi preciso. Ocorreu apenas uma implicação dentro da própria editora, que não indicou a tradução para o Prêmio Jabuti, alegando que não traduzi a partir da versão original. Porém, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil concedeu-me o prêmio pela tradução, sem questionar a língua de origem.

RP – Como são feitos os acordos entre a editora e o tradutor?

JAJ – Se você já conhece o editor, ou melhor, se o editor já conhece o nível do seu trabalho, as coisas são mais fáceis: é só combinar o preço e o prazo. Quando digo “só combinar”, estou me referindo, na verdade, àquilo que julgo estar no centro de um conceito de ética em tradução. É preciso levar o trabalho proposto para casa, ler o que for possível, refletir sobre possíveis problemas - assunto, terminologia específica, outros tipos de texto contidos dentro do texto (poemas, por exemplo) - e só então, depois de avaliar suas próprias capacidades e condições, é que o tradutor deve exigir isso ou aquilo. Para mim, ser profissional é isso: saber negociar sobre bases concretas. Ao longo do trabalho, a interlocução com o editor e os revisores deve estar sempre aberta. Não é fácil prever o que vai acontecer na vida da gente ao longo de um prazo maior. A pior coisa que pode acontecer na relação de um tradutor com o editor é o silêncio absoluto: um pressupõe que o outro está fazendo “exatamente aquilo” que foi combinado. Nesse caso, as pressuposições só atrapalham.

RP – O que ganha um tradutor, por exemplo, no caso de haver revenda de direitos de reprodução de uma obra?

JAJ – Não existe tal acordo. Os contratos com os editores são muito falhos no Brasil e não garantem nenhum direito ao tradutor, exceto em casos excepcionais (escritores famosos, por exemplo). Isso tem a ver com a regulamentação da profissão que só poderá ser mudada através do Congresso Nacional. Para tanto, porém, os tradutores deveriam se organizar melhor, se articularem mais, pois essa luta é de todos. Mesmo que o tradutor já tenha um extenso currículo de publicações, ele não tem como chegar para a editora e impor condições de trabalho. Eu ganhei somente pela tradução da *Sofia* publicada pela Companhia das Letras. Depois de lançado o livro, encontrei a *Sofia* em forma de CD-ROM. Não tive tempo de examinar, mas como o CD-ROM era da mesma editora, creio que o texto da minha tradução deve ter sido aproveitado. Contudo, apesar de a tradução estar sendo veiculada em outro meio - o eletrônico -, não recebi qualquer adicional por isso.

RP – Como está o mercado de tradução hoje no Brasil?

JAJ – O mercado de tradução está em expansão, mas apenas para os bons tradutores, apenas para aqueles com sólida formação, experiência e ética profissional.

RP – O que você aconselha para aqueles que, mesmo sabendo da instabilidade do emprego numa profissão ainda mal regulamentada no Brasil, ainda assim querem ser tradutores?

JAJ - Acho que os interessados devem investir nessa alternativa de trabalho com a linguagem. Os cursos de tradução, como os que nós temos na USP, têm se preocupado em sistematizar estratégias, para além do domínio das línguas estrangeiras, que auxiliam os tradutores ingressantes na profissão a repensarem a relação que eles próprios têm com os seus recursos expressivos e a se prepararem, com maior sistematicidade, para um mercado de trabalho que é competitivo sim, mas cujos desafios - quando encarados com coragem e preparo - são extremamente benéficos para o desenvolvimento do indivíduo. Pelo menos é essa a minha experiência.

Lista das obras traduzidas do alemão por João Azenha Junior:

Breinholst, Willy. Série Ôi, mamãe, com cinco publicações, a saber: Ôi! Olha eu aqui!; Ôi, mamãe! Ôi, papai!; Minha mãe é a melhor do mundo!; Veja só, mamãe! Veja só, papai!; Êi, mamãe! O que está escrito aqui? São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1984.

Cassirer, Ernst. Indivíduo e cosmo na filosofia do Renascimento. São Paulo: Martins Fontes (no prelo).

Delius, Friedrich Christian. As pêras de Ribbeck (em colaboração com Gisela Eckschmidt). São Paulo: Nova Alexandria, 1997.

Ende, Michael. Jim Knopf e Lucas, o maquinista. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Ende, Michael. Jim Knopf e os 13 piratas. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Enzensberger, Hans-Magnus. Para onde vai, Robert? São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Gaarder, Jostein. O dia do curinga. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Gaarder, Jostein. O mundo de Sofia. Romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Hacke, Axel. O reizinho Dezembro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Klee, Paul. Diários. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Mahler-Werfel, Alma. Minha vida. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Mann, Erika. Dez milhões de crianças. A educação de jovens no III Reich. São Paulo: Ática (no prelo).

Negt, Oskar e Kluge, Alexander. O que há de político na política? São Paulo: EDUNESP, 1999.

Schlegel, Dorothea e Friedrich. A história do mago Merlin. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

Sommer-Bodenburg, Angela. Série "O pequeno vampiro", com seis publicações, a saber: O pequeno vampiro (1986), O pequeno vampiro no sítio (1986), A mudança do pequeno vampiro (1986), A viagem do pequeno vampiro (1987), O pequeno vampiro em perigo (1987) e O grande amor do pequeno vampiro (1987). São Paulo: Martins Fontes.

Wick, Rainer. A pedagogia da Bauhaus. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Wölfflin, Heinrich. Conceitos fundamentais da história da arte. O problema da evolução dos estilos na arte mais recente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

João Azenha Junior – USP - Rua Augusta, 541 01305-000 - São Paulo/SP - Tel.: 11 3258 5180 / Fax: 11 818-5041 - azenha@usp.br

A nossa idéia de trazer a entrevista de João Azenha com informações que tão bem ilustram o mundo da tradução consiste em motivá-lo(la), antes mesmo de começarmos o nosso curso, para que você possa ter a certeza de que o mundo da tradução, apesar de ser complexo e difícil, é muito fascinante!

Então vamos lá!

Unidade A

Primeiros Percursos

1 Tradução – Conceitos e Definições

Neste capítulo vamos começar a definir conceitos de tradução.

Antes de começarmos a trilhar os diversos caminhos que os estudos da tradução nos oferecem, é necessário, primeiramente, pensar *sobre* o que significa traduzir, o que é tradução, como conceituar essa atividade. Portanto, antes de prosseguirmos com a leitura, reservamos um espaço abaixo para que você elabore um conceito a respeito de *tradução*:

Você, provavelmente, deve ter formulado alguma idéia na qual estão implícitos conceitos como o de fidelidade total do texto traduzido em relação ao texto original, isto é, no ato de traduzir devemos “seguir à risca” o que o texto original traz para não alterarmos as informações do autor. Bem, esta é uma visão comum em relação à prática tradutória, e é justamente isso que discutimos aqui.

O termo *tradução* pode ter vários significados dependendo da corrente teórica que adota como objeto de estudo e reflexão. Tradução é o ‘ato ou efeito de traduzir’ e traduzir vem do verbo latino *traducere*, que significa ‘conduzir ou fazer passar de um lado para outro’, isto é, traduzir significa passar de uma língua para outra um texto escrito na primeira delas. Entendida, assim, como um processo de transferência ou de subs-

tituição de conteúdo entre duas línguas naturais - a língua-fonte (LF) e a língua de chegada (LC) - a tradução pode ser vista também como uma tentativa de recriação, visto que, para alguns teóricos, a tradução não pode ter a pretensão de substituir o texto original, isto é, sempre se poderá fazer tentativas de reescritura.

Segundo Campos (1986: 27, 28), “não se traduz afinal de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra; a tradução requer assim [...] um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá [...] ampliando e aperfeiçoando [...]”. Já Frota (1999:55) compreende a tradução como *reescritura*, ou seja, um texto que transforma o texto estrangeiro, em razão de diferenças lingüísticas e culturais, o que pode gerar diferentes *funções* para o Texto Traduzido (TT) na cultura de chegada. Existem ainda outras duas maneiras mais gerais de abrangermos a tradução: uma voltada ao produto, ou seja, o TT e outra voltada ao processo, isto é, ao ato tradutório e às etapas de trabalho das quais esse texto resulta.

Para seu melhor entendimento, consulte a definição de função na unidade C deste material.

Já o *ato de traduzir* significa, por sua vez, fazer passar de um lugar para outro, ir ao encontro de uma nova cultura, de novos leitores, enfim, é uma comunicação intercultural. Isso implica um movimento que não pode ser percebido senão pela referência a uma terceira posição - a do observador - que determina o ponto de partida, a trajetória e o ponto de chegada. A união desses conceitos nos leva à *prática de tradução*, isto é, uma prática da identidade ou da eliminação das diferenças; uma prática que envolve o próprio papel do tradutor como mediador intercultural mais próximo ou, às vezes, mais distante do autor e/ou do público leitor; uma prática que envolve duas culturas que passam a estar diretamente ligadas, uma vez que o tradutor procura colocá-las em contato via prática tradutória.

Esses caminhos nos permitem estudar a tradução do ponto de vista do produto e do processo, conforme você irá aprender mais adiante.

Enquanto produto, a tradução envolve, predominantemente, o lado do texto traduzido (TT) ou sua eventual comparação com outros textos traduzidos. Já como processo a tradução se organiza sempre entre duas línguas escritas diferentes e envolve a mudança de um texto original (ou texto-fonte - TF) escrito numa língua original (ou língua-fonte - LF) para um texto escrito (texto-alvo ou texto de chegada - TC) numa língua diferente da original (língua-alvo ou língua de chegada - LC). A esse processo, mais comum e mais conhecido, dá-se o nome de *tradução interlingual*, que por sua vez, integra um conjunto de *três categorias tradutórias* descritas por Roman Jakobson (1963):

- Tradução intralingual – ocorre dentro de uma mesma língua;
- Tradução interlingual – ocorre entre línguas diferentes;
- Tradução intersemiótica – ocorre através da interpretação de signos verbais por meio de sistemas de *signos não-verbais*. É o que ocorre, por exemplo, quando um texto escrito é traduzido para o *layout* de uma música, filme ou pintura.

Dentre essas categorias, os estudos da tradução abrem inúmeras possibilidades de pesquisa e discussões acerca de métodos, teorias, técnicas, do papel do tradutor e leitor e também da descrição do que ocorre durante o processo tradutório em si.

Mas, afinal, você deve estar se perguntado como os estudos da tradução se desenvolveram enquanto área de pesquisa acadêmica e o que significa, exatamente, estudar tradução. Esperamos que você encontre a resposta para essas e outras perguntas nos itens que estudaremos a seguir.

Começemos, então, pelos estudos da tradução como disciplina acadêmica.

Você encontra mais informações sobre essas categorias no material sobre Introdução aos Estudos da Linguagem.

Signos verbais: signo, significante e significado, conforme pensados por Saussure (1973); signos não-verbais: índice, ícone e símbolo, conforme pensados por Peirce (semiótica).

2 Os Estudos da Tradução

Neste capítulo vamos conhecer um pouco sobre a história da tradução.

Através da história, traduções escritas ou faladas têm tido um papel crucial na comunicação entre os seres humanos, favorecendo o acesso a textos importantes, inclusive de propósitos acadêmicos. A necessidade do contato entre culturas, conhecimentos e modos distintos de pensar foram decisivos para instituir um espaço acadêmico destinado a pesquisas teóricas e práticas sobre a tradução. Esse conjunto de práticas acadêmicas vem instituindo várias tendências nos últimos 40 anos e várias concepções de tradução envolvidas nelas.

Como área acadêmica, os estudos da tradução começam a se estruturar há cerca de 40 anos. O nome da disciplina, tal como o conhecemos hoje, deve-se ao acadêmico alemão, naturalizado americano, James S. Holmes (1972), que a descreve como estando relacionada a um complexo de problemas em torno do fenômeno de traduzir e das traduções. Nesse sentido, a tradução é o seu objeto na medida em que constitui uma *unidade* e não uma dispersão, o que não impede, porém, que se estabeleçam ramificações que buscam abranger todos os aspectos relativos à prática tradutória, conforme nos mostra Holmes.

A importância dessas ramificações dos estudos da tradução tem sido verificada por meio da: 1) proliferação de traduções especializadas e cursos de interpretação em nível de graduação e pós-graduação (cursos que orientam a formação e o treinamento de profissionais tradutores e intérpretes) e, 2) das várias publicações profissionais dedicadas à prática da tradução e das conferências realizadas na área a respeito de uma série de temas-chave tais como:

- Tradução e treinamento de tradução;
- Tradução literária;
- Modelos de pesquisa em tradução;
- Gênero e tradução;
- Tradução como cruzamento de culturas;
- Tradução e globalização;
- Tradução de documentos legais;
- Tradução e significado;
- História da tradução; e
- Tradução de literatura comparada.

Até então a tradução era simplesmente vista como elemento de aprendizado de línguas em cursos de idiomas, o que pode explicar o motivo de a disciplina ter sido considerada, durante muito tempo, de *status* secundário. O começo da mudança ocorreu nos EUA, quando a tradução literária foi especialmente oferecida nos anos 60 sob a forma de *workshops* elaborados para servir como uma espécie de plataforma para a introdução dos princípios do processo de tradução e da compreensão dos textos. Paralelamente a essa abordagem, estudava-se também a literatura, comparada transnacionalmente e transculturalmente, exigindo a leitura de textos literários traduzidos, fator que definiria, posteriormente, os cursos com ênfase nos estudos culturais.

Outra área que se tornou objeto de pesquisa, vigente dos anos 30 aos anos 60, foi a análise contrastiva. Essas pesquisas tinham por objetivo o estudo de duas línguas em contraste a fim de se identificar diferenças gerais e específicas entre elas e influenciaram, por exemplo, os trabalhos de pesquisadores como Vinay e Dalbernet (1958) e John Catford (1965). Entretanto, mesmo sendo útil, a análise contrastiva não incor-

pora fatores sócio-culturais e pragmáticos, tampouco explora o papel da tradução como um ato comunicativo.

Enquanto que em muitos grupos de pesquisa a tradução continuava a ser um modelo nos cursos de lingüística aplicada, os Estudos da Tradução começavam a apontar para os seus próprios modelos sistemáticos, que incorporavam outros modelos lingüísticos e os desenvolviam para os seus próprios propósitos. Ao mesmo tempo, a construção dessa nova disciplina envolveu o afastamento da visão que se tinha da tradução como área conectada, primeiramente, ao ensino e aprendizado de línguas estrangeiras. O novo foco passou a ser o estudo específico do que acontece *no* e *em torno do* ato tradutório e da própria tradução.

Uma abordagem mais sistemática e orientada, principalmente à lingüística, começou a emergir nas décadas de 50 e 60, época em que Eugene Nida (1949) usa, pela primeira vez, a palavra *ciência* para designar a tradução dentro do território de investigações acadêmicas que começava a se instaurar. Dessa forma, a prática tradutória, antes considerada derivacionista e secundária, atitude que acabou desvalorizando os estudos acadêmicos na área, envolve hoje um vasto campo de pesquisadores e teóricos que mantêm a dinâmica desses estudos.

Resumo

Nessa primeira parte, você leu e elaborou um conceito, uma definição sobre o ato de traduzir e também se informou sobre as áreas temáticas nas quais a tradução pode ser inserida como tema de pesquisa. Outros pontos sobre o qual conversamos foram os primeiros passos para que os estudos da tradução viessem a se tornar uma disciplina aceita academicamente, sendo um dos mais importantes deles o seu afastamento do ensino e aprendizado de línguas estrangeiras, área na qual a tradução era amplamente utilizada como método de ensino. Sendo desvinculada dessas metodologias pedagógicas, o novo foco de estudo passou a ser o que acontece *no e em torno do* ato tradutório e da própria tradução gerando, a partir de então, inúmeras interfaces e possibilidades de pesquisa, teorias e metodologias próprias que você irá conhecer a seguir. Vamos começar pelo modelo proposto por James S. Holmes (1988).

Sugestões de Leitura:

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução:** Uma nova proposta. São Paulo: Pontes, 2004.

THE HISTORY of Translation Day. Este site traz a história sobre o dia internacional da tradução e os temas que “o dia” vem considerando desde então. Disponível em: <<http://www.translators.org.za/indexes/english/jerome/jerome-history.html>>. Acesso em: maio 2007.

LOGUS Multilingual Portal. Este site traz um curso interativo de introdução à tradução. Do seu original, em italiano, foi traduzido para diversas línguas. Disponível em: <http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.corso_traduzione_en?lang=em>. Acesso em: maio 2007.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies:** theories and application. NY: Routledge, 2002.

NORD, Christiane. Comunicarse Funcionalmente En Dos Lenguas. In: FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina; WORJAK, Berd (Ed.). **Léxico especializado y comunicación interlingüística.** Granada: Granada Lingüística, 2004. p. 285-296.

TAVARES, Fred. **Marca, Signo e Mito.** Neste site você encontra o referido artigo e explicações mais detalhadas sobre a questão dos signos verbais e não-verbais. Disponível em: <http://www.facha.edu.br/professores/artigos/fred_

tavares/20051005.asp>. Acesso em: maio 2007.

WIKIPEDIA. **Tradución**. Disponível em: <<http://gl.wikipedia.org/wiki/Traduci%C3%B3n>>. Acesso em: junho 2007.

Unidade B

Alguns Caminhos e Teorias

1 O Modelo de James Holmes

Neste capítulo vamos conhecer o modelo de James Holmes para os estudos da tradução.

James S. Holmes (1988) foi o responsável por dar atenção às limitações impostas sobre o fato de a pesquisa em tradução estar dispersa por disciplinas antigas, enfatizando a necessidade de abrir outros canais de comunicação para alcançar todos os estudiosos que trabalhavam na área da tradução, não importando a sua afiliação teórica. Para tanto, Holmes elaborou um modelo descritivo das áreas que os estudos da tradução poderiam abarcar.

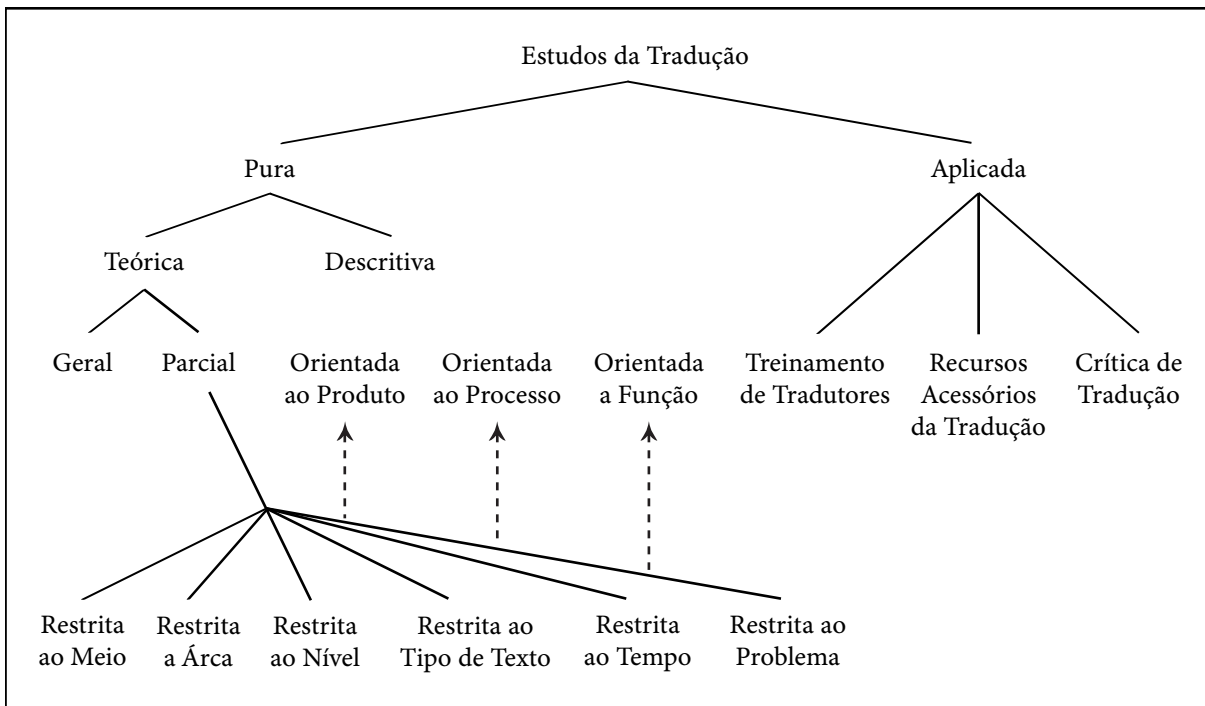


Fig. 1 – Modelo de Holmes para os Estudos da Tradução.
Fonte: MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies*, 2002.

Segundo o modelo acima, a ramificação teórica divide-se em ‘Pura’ e ‘Aplicada’. A área considerada ‘Pura’ subdivide-se em:

1. *Teorias descritivas* - a descrição do fenômeno da tradução, e
2. *Teoria da tradução* - o estabelecimento de princípios gerais para explicar e prever tal fenômeno.

A área relacionada à *Teoria da Tradução*, na ramificação considerada por Holmes como sendo 'Pura', subdivide-se em:

1. *Geral* - artigos que visam descrever ou considerar todo tipo de tradução e fazer generalizações relevantes para a tradução como um todo, e
2. *Parcial* - restrita aos parâmetros apontados acima.

Dessa ramificação tida como *Parcial* Holmes aponta para os seguintes tópicos de estudo:

1. *Teorias restritas ao meio* – traduções feitas por pessoas ou máquinas;
2. *Teorias restritas à área* – traduções de línguas específicas ou grupos de línguas e culturas;
3. *Teorias restritas ao nível* – teorias lingüísticas restritas a um nível específico da palavra ou frase;
4. *Teorias restritas ao tipo de texto* – traduções de tipos discursivos ou gêneros: literária, de negócios, técnica etc.;
5. *Teorias restritas ao tempo* – teorias e traduções limitadas de acordo com a moldura específica de um tempo ou período;
6. *Teorias restritas ao problema* – problemas específicos da tradução como a questão da equivalência.

Já em relação à análise descritiva (*DTS*) da tradução, a segunda ramificação dos estudos considerados 'puros' reúne três focos principais: *estudo do produto, da função e do processo*.

DTS - Descriptive Translation Studie.

1. *Orientada ao produto* – estuda as traduções existentes envolven-

do a descrição ou análise de um único par de TF e TT ou faz uma análise comparativa de muitas traduções feitas a partir de um mesmo TF;

2. *Orientada à função* – descreve a função das traduções na situação de receptor sociocultural. Estuda contextos em vez de textos. Provavelmente essas traduções seriam chamadas hoje de traduções orientadas aos estudos culturais;
3. *Orientada ao processo* - trata da psicologia da tradução, a tentativa de descobrir o que ocorre na mente do tradutor durante a realização do seu trabalho.

Os resultados das pesquisas consideradas como sendo ‘descritivas’ pode, segundo Holmes, ser sustentado dentro de uma ramificação teórica de modo a desenvolver tanto uma teoria geral ou, mais provavelmente, teorias parciais da tradução ‘restritas’ as subdivisões propostas na Figura 1.

No que diz respeito ao ramo das pesquisas ‘aplicadas’ em tradução, Holmes propõe uma subdivisão em três itens:

1. *Treinamento de tradutores* – métodos de ensino, avaliação de tradução;
2. *Recursos acessórios de tradução* – dicionários, gramáticas, informações, tecnologias;
3. *Crítica de tradução* – avaliação de traduções, revisões críticas.

Ainda segundo Holmes, se esses aspectos relativos aos estudos ‘aplicados’ forem plenamente desenvolvidos, é possível obter uma segunda figura (Fig. 2) como extensão da primeira, conforme você pode observar na seqüência:

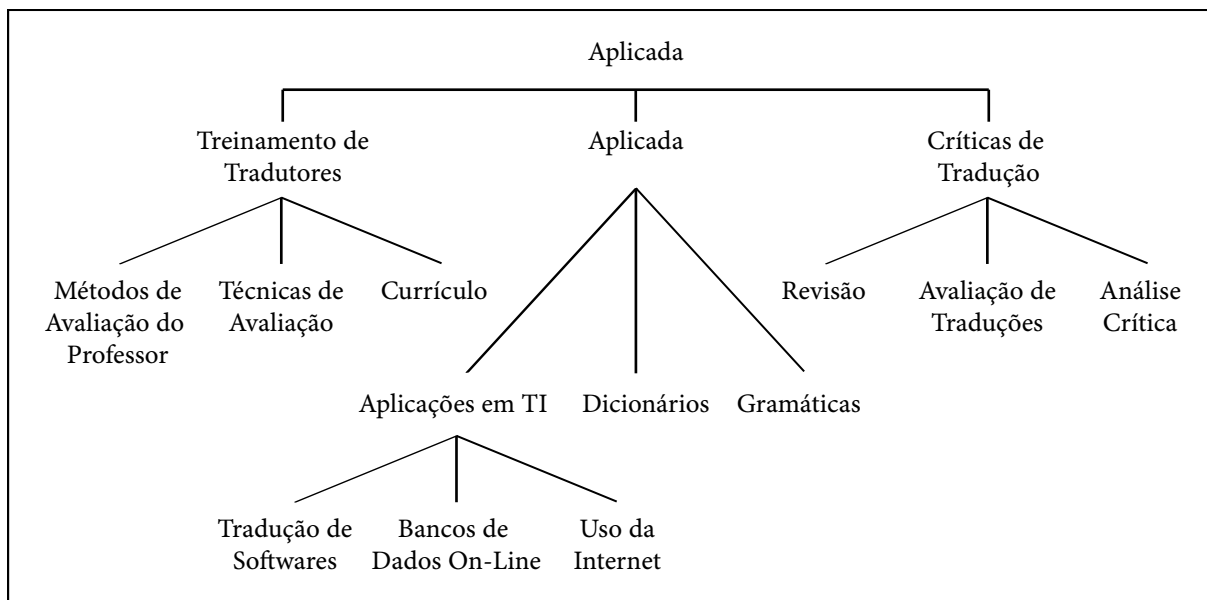


Fig. 2 – Modelo de Holmes para o ramo ‘Aplicado’ dos Estudos da Tradução.
Fonte: MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies*, 2002.

1. *Treinamento de tradutores* – métodos de avaliação de ensino, técnicas de avaliação, estrutura curricular;
2. *Recursos acessórios de tradução* – aplicações em TI (Tecnologia da Informação: softwares de tradução, base de dados On-line e uso da internet), dicionários e gramáticas;
3. *Crítica de tradução* – revisões, avaliação de traduções e crítica de tradução.

Como você pode observar, a tentativa de Holmes foi mostrar as inúmeras possibilidades de estudos e pesquisas envolvidos no campo da tradução de maneira a atrair a atenção de pesquisadores de áreas afins para o campo tradutório. Tal fato gerou, posteriormente, outras ramificações que vieram a caracterizar os estudos da tradução como área acadêmica reconhecida e autônoma. No item a seguir, apresentamos um panorama de 10 possíveis áreas de pesquisa em estudos da tradução, objetivando oferecer um ponto de orientação para os pesquisadores que desejem explorar a área, a saber:

1. Análise Textual e Tradução

- a. **Análise do texto-fonte** – foco na análise do TF examinando vários aspectos textuais dos quais podem florescer ‘problemas’ de tradução. Trata-se de um ponto relevante no que diz respeito ao treinamento de tradutores, e uma boa referência de leitura são os trabalhos da professora, tradutora e teórica funcionalista alemã Christiane Nord (1991). O objetivo desse tipo de trabalho é preparar o aluno para a tradução em si, visto que, após uma análise cuidadosa de aspectos sintáticos, semânticos e estilísticos do TF, presume-se que o processo de encontrar soluções adequadas para a tradução seja mais fácil.
- b. **Comparação de traduções e seus TFs** - nesse tipo de pesquisa, trabalha-se com várias traduções a partir de um mesmo texto original, na mesma língua ou em línguas diferentes. Nesse tipo de trabalho, é necessário escolher determinados aspectos da tradução para realizar as pesquisas como, por exemplo, trabalho com voz passiva, ou aspectos diferentes, como o uso de dialetos, além de analisar como o tradutor resolve esses problemas, quais as estratégias utilizadas por ele. O objetivo desse tipo de estudo é encontrar padrões de correspondência entre os textos, podendo o pesquisador estudar possíveis regularidades no comportamento do tradutor ou princípios gerais que determinem até que ponto determinados aspectos podem ser traduzidos em determinadas condições.
- c. **Comparação de traduções e textos não traduzidos** - pesquisas nesse sentido comparam textos, traduzidos numa determinada língua, com textos originalmente escritos nessa mesma língua – chamados *corpora comparáveis*. Com o avanço dos estudos da tradução baseados em *corpora* podemos analisar como as traduções diferem de outros textos na língua-alvo.
- d. **Tradução comentada** – também chamada de tradução anotada – esse tipo de trabalho prevê a tradução de um texto ao mesmo tempo em que se escrevem comentários a respeito do processo de tradução; é feita uma análise do TF enquanto se justificam os tipos de soluções para determinados ‘problemas’ de tradução.

Chama-se corpus, no plural corpora, o conjunto de textos utilizados em pesquisas lingüísticas e de tradução.

2. Avaliação da Qualidade da Tradução

Os tradutores são avaliados na vida real em várias circunstâncias como, por exemplo, durante um treinamento, exames de proficiência, através de críticas e revisões e também pelo leitor comum. Nesse sentido, existem três abordagens qualitativas para se avaliar traduções de um modo geral: 1) *orientada ao TF* - tem por base a relação TF e TT. Os métodos de avaliação marcam definições de equivalência exigidas e classificam tipos de desvios dessa equivalência; 2) *orientada ao TT* - ponto em que a equivalência não representa um conceito central. Essa abordagem conduz a uma análise textual para avaliar as diferenças entre a tradução em questão e outros textos comparáveis na língua-alvo. A idéia é medir o grau de naturalidade da tradução; e 3) os *efeitos da tradução* nos clientes, professores, críticos especializados, leitores; pode-se até mesmo entrevistar editores ou leitores sobre suas expectativas referentes à qualidade da tradução. Nesse tipo de abordagem, as teorias funcionais e comunicativas, tais como a *Skopstheorie* de Hans Vermeer (1984) - teoria que veremos ainda neste livro - são bastante úteis.

3. Tradução de Gêneros

Nessa abordagem predominam o drama, poesia, prosa de ficção, literatura infantil, textos religiosos, de turismo, técnicos, multimídia e documentos legais. Por exemplo, no caso do drama, é preciso considerar se a peça é para ser lida ou encenada. Já na poesia é preciso considerar se é uma versão em prosa ou um poema com métrica, rima, cadência e ritmo. Deve-se considerar igualmente a modalidade narrativa do autor ou tradutor sobre a prosa ficcional, no caso de romance ou conto. Quanto aos textos religiosos há que se prestar atenção à lacuna temporal e cultural entre as sociedades e a tensão entre os textos religiosos como a Bíblia e as sagradas escrituras. No caso da literatura infantil devemos considerar se o texto é escrito para ser lido *para* ou *pelos* crianças. Os textos de turismo envolvem um alto grau de contato lingüístico e de cruzamento entre culturas, já os textos técnicos

dizem respeito aos assuntos da ciência, tecnologia, economia, medicina, enquanto que os textos legais envolvem a tradução de problemas e normas diversas.

4. Tradução de Multimídia

Envolve textos audiovisuais, usando som e imagem para o rádio, TV, filmes, DVDs, vídeos, apresentação de eventos ligados à arte, como óperas ou teatro, traduzidos tanto por meio de dublagem como por meio de legendas.

5. Tradução e Tecnologia

Essa nova tradução de pesquisa abrange:

- *Avaliação de softwares* – estuda programas para gerenciamento de terminologia e sistemas de memória de tradução que permitem o acesso a traduções prévias e documentos similares;
- *Localização de softwares* – adapta um produto de software para uma língua ou cultura-alvo: adapta a interface, arquivos de ajuda e documentos de ajuda também. Um exemplo para esse procedimento são os programas de ajuda que utilizamos no *WORD* (Microsoft) e que vêm traduzidos do inglês para o português ou outras línguas;
- *Tradução de websites* – avalia o produto, explora a familiaridade/distanciamento das línguas controladas no projeto do *website* para facilitar a tradução das línguas utilizadas nos projetos de *website*;
- *Efeitos da tecnologia* - pesquisa o impacto que os sistemas tecnológicos têm tanto no modo como os tradutores trabalham como também na apresentação final da tradução, por exemplo, o caso dos tradutores automáticos que traduzem as palavras sem regras sintáticas ou semânticas, dando às frases um caráter de ininteligibilidade;
- *O lugar da tecnologia no treinamento de tradução* - analisa quais tecnologias podem ser apropriadas e em quais contextos, com *softwares* específicos para tradução.

6. História – Caminhos da Tradução

Em estudos dessa natureza, devemos fazer algumas perguntas que norteiam as pesquisas:

- Com referência aos tradutores e suas afiliações teóricas, suas relações com editores, sua motivação e sua prática de tradução, além do contexto do espaço intercultural que os tradutores habitam entre duas línguas e duas culturas - *Quem?*;
- Com respeito aos textos que são ou não traduzidos em culturas e tempos específicos, estabelecendo relações entre comunidades lingüísticas majoritárias e minoritárias, entre centros imperiais e coloniais - *O quê?*;
- Sobre como os textos são traduzidos em tempos específicos, além do uso da tradução para estabelecer uma literatura nacional, relações entre as duas culturas relacionadas ou os interesses individuais dos editores – *Por quê?*; e
- Com relação a análises detalhadas de traduções individuais dentro do seu contexto histórico e social, adquirindo um importante papel de preencher lacunas na história; são pesquisas referentes a aspectos micro e macro da História da Tradução – *Como?*

QUEM? – O QUÊ? – POR QUÊ? – COMO?

7. Fatores Culturais ou Ideológicos

Essa linha de pesquisa estuda a forma como as traduções têm sido influenciadas por fatores culturais e ideológicos e que efeitos essas traduções exercem sobre os leitores e as culturas-alvo, efeitos estes que podem ter grandes dimensões éticas. Portanto, algumas palavras-chave nesse sentido são: poder, emancipação, gênero, pós-colonialismo, nacionalismo, identidade, hegemonia, minoridade, identidade cultural e a questão da visibilidade do tradutor.

8. Treinamento de Tradutores

Um último levantamento feito via internet nos mostra que, nos últimos 10 anos, aumentou o número de cursos de especialização e pós-graduação com ênfase nos estudos tradutórios, incluindo o curso de mestrado nessa área (o primeiro no Brasil) oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina. Por outro lado e, apesar de o treinamento de tradutores ser um assunto relevante, pouca ou quase nenhuma pesquisa foi realizada sobre esse assunto. Ressaltamos, nesse item, as reflexões da professora de tradução e teórica alemã Christiane Nord. Em seu livro *Text Analysis in Translation*, Nord (1991) sistematiza fatores de interferência para a análise dos textos-fonte e do texto traduzido que auxiliam tanto a reflexão sobre a prática de quem já é tradutor profissional quanto do aprendiz. Você poderá encontrar mais informações sobre a teoria de Nord no item referente ao funcionalismo, mais adiante.

9. Modelos Teóricos de Tradução

Entendemos por ‘modelo’ uma construção que *representa* algum aspecto da realidade. No caso dos modelos teóricos, de modo geral, representam seus objetos (quaisquer que sejam) de uma forma mais abstrata, visto que esses objetos são baseados em pressuposições, concepções de como são estruturados ou de como podem estar relacionados com outros fenômenos. Esses modelos são tentativas de construir uma imagem do objeto de estudo, que podem tornar mais fáceis a visualização, a compreensão e a análise de um processo e seus resultados. Essas representações podem ser altamente idealizadas ou simplificadas; no entanto, não são instrumentos conceituais úteis, pois são simplesmente mapas do que se pensa serem as características mais importantes do objeto.

Na área dos estudos da tradução, utilizamos três tipos básicos de modelos teóricos: *o comparativo, o processual e o causal*. O *comparativo* tende a ser estático e orientado ao produto, além de ser centrado em algum tipo de relação de equivalência. Nesse modelo teórico pode-se estudar a diferença entre termos como *correspondência e equivalência*. O *processual* representa a tradu-

Os conceitos sobre equivalência e correspondência são discutidos por Mona Baker (1999), Werner Koller (1979) e Heloisa G. Barbosa (2004). Esses temas serão abordados mais adiante.

ção enquanto processo e introduz dimensões de tempo, sendo, portanto, um modelo dinâmico. Esses modelos são úteis quando o interesse recai sobre relações seqüenciais entre diferentes fases do processo de tradução. Já os modelos *causais* pesquisam as atitudes do tradutor numa determinada fase da tradução, como as causas das decisões do tradutor em relação às instruções recebidas do cliente, do propósito da tradução, as suas próprias influências sócio-culturais no texto, o que essas decisões podem causar para o texto e quais os seus efeitos nos leitores, no próprio tradutor e no ambiente sócio-cultural.

10. A Profissão de Tradutor

As pesquisas nesse sentido podem ser tanto históricas quanto contemporâneas. As pesquisas históricas podem observar como a associação profissional tem se desenvolvido num país, região ou continente. As pesquisas contemporâneas podem estudar questões relacionadas à situação atual das associações profissionais no país, abrangendo, por exemplo, assuntos relativos ao código de ética, ao *status* empregatício dos membros e à natureza dos processos de certificação.

Resumo

Nessa seção você estudou o modelo descritivo de James S. Holmes sobre as áreas de atuação dos estudos tradutórios. Você deve lembrar que a experiência de Holmes representou uma tentativa de refletir sobre as limitações impostas ao estudo da tradução pelo ato de ser, na época, uma área dispersa, ou seja, estudada em pequenos espaços inseridos em outras disciplinas e não de forma independente. O que Holmes faz é apontar essas possíveis áreas de atuação da tradução com caráter de pesquisas independentes. Na seqüência, você conheceu 10 possíveis áreas de pesquisa em tradução que servem até hoje como ponto de orientação para os interessados em estudá-la de forma mais pontual. Se você quiser saber mais sobre as áreas de pesquisa, formas de iniciar uma pesquisa em tradução ou conhecer mais sobre o modelo de Holmes, você pode buscar nas fontes sugeridas a seguir.

Sugestões de Leitura:

CHESTERMAN, Andrew; WILLIAMS, Jenny. **The Map**: a beginner's guide to doing research in Translation Studies. Cornwall: St. Jerome Publishing, 2002.

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. **Translation**: An Advanced Resource Book. NY: Routledge Applied Linguistics, 2004.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies**: theories and application. NY: Routledge, 2002.

2 Um Pouco de História

O objetivo deste capítulo é apresentar um pouco mais sobre o surgimento de reflexões acerca das teorias de tradução e dos primeiros registros de traduções.

Antes de discutirmos as questões práticas envolvendo a tradução propriamente dita, acreditamos ser importante que você conheça um pouco mais sobre a história relacionada aos primeiros textos e reflexões teóricas acerca da tradução que colaboraram para o seu desenvolvimento como disciplina acadêmica tal como a conhecemos hoje. Essas concepções não registram uma cronologia, apenas apontam para idéias relevantes sobre a tradução e que foram se desenvolvendo à medida em que a disciplina vai adquirindo contornos próprios.

Lembre-se que, para compreender qualquer resgate histórico, é preciso ter a consciência da tradução como reflexo de um período histórico, de uma sociedade, de uma língua. Enquanto prática lingüística, o fazer tradutório reflete uma concepção de linguagem e, conseqüentemente, a maneira de se ver a tradução muda conforme vai se modificando, também, a perspectiva de mundo dos teóricos.

Os primeiros registros das traduções remontam aos chamados *targumim* (300 a.C.), isto é, textos que eram traduções para o aramaico (língua vernácula dos judeus) dos Escritos Sagrados e do Cânone Judaico (originalmente em hebraico). O ideal tradutório, nesse período, era a fidelidade ao texto original. Essa importância à literalidade predominou também durante o período helenístico com a tradução da Odisséia de Homero do grego para o latim. Esse registro marca, para alguns pesquisadores, a história da tradução no ocidente.

Cícero (106 a.C. a 46 a.C.) e Horácio (65 a.C. a 8 a.C.) representam também importantes figuras para o caminho da tradução no que diz respeito ao período romano. Rompe-se com a questão da “fidelidade”, com os tradutores dando preferência a um texto mais natural e fluido ou, de acordo com Horácio, mais criativo e agradável na língua-alvo. Para a elite romana, a tradução era um exercício de enriquecimento da língua e uma forma de recuperação de valores culturais; nesse sentido, o papel do tradutor deveria ser o de solucionar sempre os problemas tanto na Língua de Partida (LP) como na LC. O importante nesse processo não era uma idéia nova, mas sim dizer de outra maneira aquilo que já havia sido dito antes.

Diferentemente dos romanos, o ideal tradutório na Idade Média volta-se novamente para a literalidade, ou seja, transmitir a *idéia* do texto original (o seu conteúdo) e não a sua parte artística. Boécio (480 – 524 d.C.) é uma figura imanente desse período, sendo o responsável pelas retraduições dos escritos de Aristóteles do árabe para o latim. Já os monges cristãos, nesse mesmo período, foram responsáveis por quase 90% de todas as traduções *para* e *de* línguas ocidentais na Europa. Através da tradução para o latim dos Escritos Sagrados Judaicos, conhecidos como *Vulgata*, São Jerônimo (390 - 405 d.C.) permitiu que a dogmática cristã se estabelecesse no ocidente, dando vigor ao estabelecimento do poder da Igreja. Em suas traduções, São Jerônimo menosprezava a tradução palavra-por-palavra (que ocultava o sentido do TF) para defender a chamada tradução ‘livre’ ou de ‘sentido-por-sentido’, priorizando o conteúdo do TF. Nesse sentido, o papel do tradutor era o de interpretar os originais e complementá-los com outras informações. Esses pólos ditam os debates ainda feitos atualmente na área: “forma x conteúdo” e “literal x livre”.

Acompanhando as mudanças históricas e de pensamento, a tendência da tradução se modifica outra vez durante o período renascentista (século XV), sendo elevada ao *status* de obra literária. Os tradutores eram vistos como autores do texto devido a sua habilidade de reprodu-

zir os valores artísticos do TF, adaptando-os à LC. Bruni (1370-1444), que é um dos representantes desse momento histórico. Bruni tinha uma visão mais moderna para a tradução. O conhecimento da cultura para a qual se estava traduzindo era prioritário, isto é, compreender o texto no seu contexto. Mais importante que conhecer a gramática era conhecer a cultura da LF e conseguir transpô-la para a LC.

No século XVI, destacam-se nomes como Juan Luis Vives (1492-1540), Martinho Lutero (1483-1546) e Etienne Dollet (1509-1546) precursores da tradutologia moderna. Vives valorizava o trabalho com a expressão e o sentido e foi o primeiro a falar a respeito de perdas no processo tradutório, no sentido de que era possível perder na eloquência enquanto ganhava-se na compreensão do texto. Vives preocupava-se com a sintaxe da LF e da LC, não opondo o sentido e a expressão em extremos, mas sim unindo os dois na tradução. Dessa maneira, valorizava o estilo e a questão cultural dos valores artísticos através de duas formas de trabalho: seguir o estilo da LF e criar o seu próprio estilo. Já Lutero defendia uma tradução retórica e de estilo popular sem fins estéticos, mas comunicativos, buscando a compreensibilidade do texto para o leitor e guardando a mensagem divina. Para ele a verdadeira tradução era a adaptação do que foi dito numa língua estrangeira à sua própria língua, ou seja, o sentido-pelo-sentido. *Dollet*, por sua vez, pregava o conhecimento do assunto *antes* do conhecimento das línguas, ou seja, dominar o conteúdo auxiliava o tradutor a evitar uma escrita desconexa, pois conhecer a origem do texto e o seu conteúdo facilitavam a compreensão do autor e do contexto do texto original. São dele alguns princípios para o ‘bem traduzir’: 1) entender perfeitamente o sentido e o material do autor, embora deva se sentir livre para clarear obscuridades; 2) conhecer perfeitamente a LF e a LC para manter a majestade das línguas; 3) evitar a forma palavra-por-palavra; e 4) reunir e agrupar palavras eloqüentemente para evitar a falta de elegância.

Dolet teve um final trágico. Foi queimado vivo acusado de heresia por não acreditar na imortalidade da alma quando adicionou a uma tradução sua de Platão a frase “nothing at all” (nada) para descrever o que havia após a morte. A igreja desconsiderava traduções não literais.

Nos séculos seguintes, destacam-se John Dryden (1631-1700) e Alexander Fraser Tytler (1747 -1813). Dryden introduziu a questão da recriação do texto (entendida como imitação) cujo processo teve um enorme impacto nas teorias e práticas subseqüentes e reduziu a prática tradutória ao que chamou de ‘categorias’: 1) *metáfase* – palavra-por-palavra e linha por linha (tradução literal); 2) *paráfrase* – o autor é trazido à vista pelo tradutor, mas não é seguido à risca (tradução sentido-por-sentido); e 3) *imitação* – abonada tanto a palavra como o sentido (tradução livre ou adaptação). Já Alexander Tytler foi um opositor a Dryden. Tytler defendia a idéia de que uma boa tradução deveria transferir todo o mérito do TF para o TT, para que o leitor visse o texto como uma tradução de fato. Tytler ainda elencou o que chamou de *princípios tradutórios*, baseados em sua experiência como tradutor literário, tais como: 1) a tradução deve consistir na transcrição completa das idéias do texto original (lealdade ao conteúdo); 2) o estilo da tradução deve ser o mesmo do texto original (lealdade à forma); e 3) o texto traduzido deve possuir a mesma fluidez do texto original.

Por fim, já no século XIX, uma figura importante é Friedrich Schleiermacher (1768-1834). Para ele o tradutor estava acima do intérprete. A interpretação não tem expressões novas, é muito prática, mecânica e literal, isto é, matéria para a diplomacia e os negócios somente. Já o tradutor tem que ter conhecimento do autor, da língua, do seu espírito. Na sua perspectiva, a equivalência (a correspondência exata entre palavras) entre os textos era impossível justamente pelo fato de a tradução ser uma arte retórica. Schleiermacher aponta ainda o que, para ele, seriam razões para se traduzir: 1) os diferentes dialetos de um povo; 2) pessoas com personalidades diferentes criando uma ‘interlíngua’; 3) os desenvolvimentos distintos de uma língua em diversos séculos; 4) os discursos em escalas sociais; e 5) a transposição de informações de uma língua estrangeira para a nossa.

Nesse sentido, Schleiermacher propõe seus dois famosos métodos de tradução: 1º) levar o *leitor para o autor*. Defendido por Schleiermacher, esse era considerado o método ideal uma vez que o leitor saberia estar diante de uma tradução. Esse método ficou conhecido, posteriormente, como ‘estrangeirização’ pelo fato de priorizar o TF e não permitir interferências textuais na tradução, como o uso de paráfrases. 2º) levar o *autor para o leitor*, isto é, traduzir como se o texto já tivesse sido escrito na língua de chegada. Conhecido como ‘domesticação’ ou apagamento do texto original, esse método não admitia estrangeirismos na tradução. Schleiermacher era contra essa abordagem, visto que, segundo ele, acabava-se por denegrir o TF.

Essas reflexões, embora bastante resumidas, pretendem apenas mostrar alguns caminhos trilhados pela prática tradutória, caminhos esses que não só sedimentaram como também acenderam as discussões que se seguiram. Os teóricos citados ajudam a demarcar alguns momentos importantes para a movimentação das teorias da tradução sempre fundamentadas em mudanças sócio-históricas. Nesse sentido, esperamos que essas informações o ajudem a fazer uma ‘ponte’ com os percursos atuais para que você compreenda os pólos de discussão (ou dicotomias) ainda hoje existentes como, por exemplo, o longo debate a respeito de literalidade *versus* fidelidade.

Agora que você já conhece um pouco sobre os primeiros momentos históricos da tradução, vamos avançar para algumas discussões mais contemporâneas.

Resumo

Nesta seção você estudou um pouco da história dos primeiros registros considerados traduções. Esse percurso se iniciou com os *targumin* (traduções para o aramaico dos escritos sagrados e do cânone judaico) e lhe conduziu através do pensamento de alguns dos nomes mais importantes que pensaram a tradução e ajudaram a fundamentar as reflexões contemporâneas, como Cícero, Vives, Dryden, Bruni, Tytler, Schleiermacher, Etienne Dollet e Lutero. Nesse sentido, é importante você se lembrar que a tradução reflete, na visão de cada um dos autores mencionados, o período histórico de uma sociedade e uma concepção de linguagem em constante movimento não só evolutivo como também cíclico.

Sugestões de Leitura:

GUERINI, Andréia; FURLAN, Mauri. **História da Tradução**. Apostila elaborada para o primeiro ano do curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. (2005)

LANZETTI, Rafael. **Quadro Histórico das Teorias de Tradução**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-14.html>>. Acesso em: maio 2007.

FURLAN, Mauri. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - II. A Idade Média**. Disponível em: <www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/mauri.pdf>. Acesso em: junho 2007.

_____. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - III. Final da Idade Média e o Renascimento**. Disponível em: <www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos13/mauri.pdf>. Acesso em: junho 2007.

3 Rumo a uma Teoria – Contemporânea – da Tradução

Neste capítulo conheceremos importantes teóricos da tradução.

Podemos dizer, a respeito dos autores que você estudou na seção anterior, que as suas maiores contribuições para a disciplina foram as teorizações a respeito de um conceito de tradução e os chamados ‘métodos’ para se traduzir ‘adequadamente’. No entanto, muitos teóricos que se seguiram a esses autores concordam que o ponto principal das discussões sobre a tradução trazia critérios de julgamento imprecisos, vagos, subjetivos e também muito normativos. Reagindo a isso, a teoria da tradução, na metade do séc. XX, fez várias tentativas para redefinir os conceitos de “literal” e “livre” em termos operacionais para, então, descrever o “significado” em termos científicos.

Nos anos 50 e 60, os teóricos começaram a dirigir análises mais sistemáticas da tradução, e o debate se desenvolveu em torno de certas questões de ordem lingüística, sendo a mais importante delas a questão da equivalência. Nos anos subseqüentes, foram muitas as tentativas de definir a sua natureza. Na seqüência, destacamos alguns dos teóricos que trabalham nessa direção. Começemos com Jakobson.

Roman Jakobson (1896-1982) é um dos pensadores que deflagrou a relação entre a tradução e a teoria lingüística, que previu um tipo de prática tradutória que influenciaria reflexões sobre a dicotomia entre teoria e prática. Essa relação dicotômica é um ponto central no ensino da tradução, visto que está comprometida com a questão da língua enquanto objeto autônomo de estudo dentro da lingüística, e não com



No sentido mais corrente, língua é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade. Linguagem é a capacidade específica à espécie humana de comunicar-se por meio de um sistema de signos vocais, ou língua, que coloca em jogo uma técnica corporal complexa e supõe a existência de uma função simbólica e de centro nervoso geneticamente especializados (DUBOIS, 1973). Para mais informações, você pode consultar o material sobre “Estudos da Linguagem”.



a *linguagem*. Jakobson investigou questões de significado lingüístico e equivalência e seguiu uma relação instaurada por Saussure sobre a questão significado e significante. Exemplificando essa relação, o queijo é o significante para um alimento feito a partir do leite (significado).

Jakobson estudou também a questão de equivalência de significados entre palavras em línguas diferentes. Ele nos diz que a equivalência ocorre ao nível da mensagem, entre os textos, e não de unidades do código lingüístico separadamente, pois essas unidades são diferentes pelo fato de pertencerem a dois sistemas de signos (línguas) igualmente diferentes e que compreendem a realidade de modos distintos.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) - Saussure postulou que os signos possuem uma relação arbitrária, isto é, não há entre eles uma relação intrínseca entre significante e significado, portanto a linguagem pode ser considerada como resultado de um acordo social, de um pacto que estabelece códigos. Segundo o autor, a língua é um conjunto de hábitos lingüísticos que nos permite compreender os outros e sermos compreendidos por eles. Entretanto, a linguagem não pode ser tida como um objeto de estudo da lingüística, pois não possui unidade interna e, portanto, não permite descrever os fatos da língua. Dessa maneira, a tentativa da lingüística tradicional é domesticar e aprisionar o fenômeno da tradução, dentro de uma proposta que admite uma oposição perfeita entre significado e significante, equivalendo à possibilidade de uma tradução perfeita e absolutamente possível, ao contrário de Jakobson, que considera a impossibilidade da tradução devido à intervenção de características individuais nos textos, as quais contrariam a perfeita oposição entre significado e significante determinada por Saussure. Por outro lado, essa noção de Saussure é possível no interior dos fatos da língua, o que torna possível a tradução entre duas línguas - operações entre entidades abstratas - e não entre “duas linguagens”.

Eugene Nida (1964) - desenvolveu a sua teoria partindo do seu próprio trabalho, nos anos 40, quando traduziu e organizou a tradução da Bíblia. Nida buscou fazer da tradução uma área de estudo mais científica, incorporando trabalhos recentes da lingüística. Com uma abordagem bem mais sistemática, emprestou conceitos teóricos e terminologia tanto da semântica quanto da pragmática, e também dos trabalhos de Chomsky sobre a estrutura sintática, que originaram, posteriormente, a teoria da gramática gerativa transformacional. O ponto central do seu trabalho é o distanciamento de antigas idéias que consideravam a palavra como um significado fixo para, então, propor uma definição funcional dos significados, no qual a palavra ‘adquire’ uma significação através do seu contexto e, conseqüentemente, produz várias respostas de acordo com a cultura na qual é empregada. Durante algum tempo Nida lecionou na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Hoje está aposentado.

Peter Newmark (1981) - para este autor a tradução é semântica e comunicativa. Logo, o sucesso do efeito de equivalência seria ‘ilusório’ e os conflitos de lealdades, assim como a lacuna entre o TF e a LC, estão sempre presentes como problemas prioritários na teoria e prática da tradução. Ainda que se aproximando de Nida, Peter Newmark se distancia do efeito de equivalência, o qual seria inoperante se o texto estivesse fora do espaço-tempo da LC, como no exemplo de uma tradução moderna, em inglês britânico, de Homero. Não haveria meios de o tradutor reproduzir o mesmo efeito do TF no leitor da tradução, conforme ocorreu com os leitores na LF, na Grécia antiga. Newmark afirma que a *tradução semântica* difere da tradução literal por respeitar o ‘contexto’, interpretar e até mesmo explicar determinados pontos do texto se for necessário. O autor considera, ainda, que a tradução literal é a melhor abordagem para a tradução semântica e para a tradução comunicativa, assumindo que o efeito de equivalência já estaria assegurado em ambos os casos.

Segundo Newmark, este seria o único método válido para a tradução. Newmark ainda atua como professor na universidade de Surrey, em Guildford, Inglaterra.

Werner Koller (1972) - também analisou o termo 'equivalência' e a questão da correspondência. A correspondência está inserida no campo na lingüística contrastiva, no qual dois sistemas lingüísticos são comparados e descritos, contrastivamente, em termos de suas diferenças e semelhanças. Já a equivalência se refere a itens equivalentes em pares e contextos específicos de TF e T'T. Para Koller, o conhecimento das correspondências é um sinal de competência do tradutor na língua estrangeira, enquanto que o conhecimento e as habilidades com equivalências evidenciarão a sua competência direta na tradução. Koller trabalha atualmente no Instituto para Germanística em Bergen, na Noruega. Mas, o que deve ser equivalente? Koller distingue cinco tipos:

- Equivalência denotativa – relacionada ao contexto extralingüístico do texto;
- Equivalência conotativa – referente às escolhas lexicais e, também, entendida como equivalência estilística;
- Equivalência texto-normativa – relativa ao comportamento de tipos de textos;
- Equivalência pragmática – também chamada de normativa, voltada ao “receptor” do texto ou da mensagem; e
- Equivalência formal – relacionada à forma e à estética do texto.

Esses procedimentos são também conhecidos como estratégias tradutórias e serão abordados com mais detalhes no material referente aos “Estudos da Tradução I”.

Vinay e Dalbernet (1977) - identificam duas estratégias gerais de tradução: 1º) a *direta e oblíqua* e 2º) a *literal e livre*. A tradução *direta* seria composta de **7 procedimentos**: empréstimo, calque, tradução literal, transposição, modulação, equivalência e adaptação, todos esses elementos operando em níveis correspondentes aos elementos estruturais e principais do texto: léxico, estruturas sintáticas e mensagem. Os auto-

res consideram a unidade de tradução como sendo uma combinação de “unidades lexicológicas” (palavra) e de “pensamento” (conteúdo) e sugerem cinco passos para o tradutor seguir durante o processo de tradução:

1. Identificar as unidades de tradução;
2. Examinar o TF, analisando o conteúdo descritivo, afetivo e intelectual das unidades;
3. Reconstruir o contexto metalingüístico da mensagem;
4. Avaliar os seus efeitos estilísticos; e
5. Produzir e recriar o TT.

John Catford (1965) - foi o primeiro a apresentar o termo **shift**. Catford compreendeu a língua como *comunicação* operando, portanto, de modo funcional no contexto e numa variedade de diferentes níveis (fonologia, gramática e léxico) e estruturas (frase, oração, grupo, palavra). Catford fez, ainda, uma importante distinção entre *correspondência formal* e *equivalência textual*. A *correspondência formal* baseia-se no sistema de um par de línguas. Já a *equivalência textual* pode ocorrer com qualquer texto ou com parte de um TT e é vista sempre a partir de um determinado ângulo e ocasião, ou seja, a equivalência está sempre amarrada a um par de TF e TT específicos. Portanto, quando esses dois conceitos divergem, ocorre o que Catford chama de *shift* na tradução, isto é, deslocamento originado a partir da correspondência formal no processo de transposição da LF para a LC. Catford afirma que a equivalência depende de características comunicativas tais como função, relevância, situação e cultura, ao invés de simplesmente critérios lingüísticos formais, o que significa que definir aquilo que é ‘funcionalmente relevante’ é uma ‘questão de opinião’.

Shift

Significa translação, movimento, transferência.

Resumo

Neste capítulo você estudou sobre os primeiros escritos tidos como tradução na história e também sobre alguns autores que tentamos organizar, de forma resumida, em uma cronologia histórica. Neste percurso buscamos incluir alguns dos nomes mais importantes relacionados à tradução, desde Cícero e Horácio, romanos e renascentistas, até autores representantes do século XX tais como Nida, Catford, Jakobson, Vinay e Dalbernet, entre outros. Através das reflexões e teorizações desses autores, você pode perceber os movimentos mais significativos que deram origem a debates que permanecem até os dias atuais como questões a respeito do fato de a tradução dever ser “literal, livre e fiel” ou, “palavra-por-palavra” (literal) e “sentido-por-sentido” (livre), ou ainda sobre o fato de deixar transparecer ou não ao leitor que o texto que este está lendo é uma tradução. Você deve lembrar que a tradução é sempre o reflexo de um período histórico, de uma sociedade, de uma língua e, portanto, reflete uma concepção de linguagem, ou seja, mudando a maneira de se perceber a tradução, muda também a forma de se ver o mundo. Nas décadas de 50 e 60 as análises se tornam mais sistemáticas e a tradução começa a ganhar o status de disciplina acadêmica.

Sugestões de Leitura:

BAKER, Mona. *Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?* In: MARTINS, Márcia A. P. **Tradução e Multidisciplinariedade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

FURLAN, Mauri. *A teoria de tradução de Lutero*. In: ENDRUSCHAT, Annete; SCHÖNBERGER, Axel (Orgs.). **Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische**. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2004. p. 11-21. Também disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/MauriFurlan/Mauri_Furlan_-_A_Teoria_de_Traducao_de_Lutero.doc>. Acesso em: maio 2007.

LOGUS Multilingual Portal. Este site traz um curso interativo de introdução à tradução. Do seu original, em italiano, foi traduzido para diversas línguas. Disponível em: <http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.cor>.

so_traduzione_en?lang=em>. Acesso em: maio 2007.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. NY: Routledge, 2002.

OTTONI, Paulo. **O papel da lingüística e a relação teoria e prática no ensino da tradução**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~ottonix/OPAPEL-DALINGSTICAEARELAOTEORIAEPRTICANOENSINODATRADUO.htm>>. Acesso em: maio 2007.

Unidade C

0 Funcionalismo

1 O Funcionalismo

O objetivo deste capítulo é nos fazer compreender um pouco melhor o funcionalismo voltado à tradução.

1.1. Teorias Funcionalistas da Tradução

Como já referimos até meados da década de 60, as pesquisas sobre tradução estavam centradas em debates oposicionistas como “tradução fiel” x “tradução livre”, “palavra” x “forma”, e em pesquisas relativas à sintaxe e ao léxico. Como oposição às abordagens formalistas da gramática gerativa, na qual predominava a transparência da forma e a relação entre constituintes da oração e frases, e também como escola lingüística, o funcionalismo nasce na década de 70 e tem seu auge nos anos 80 e 90, na Alemanha. No que se refere à área dos Estudos da Tradução, o funcionalismo se propõe a abordar a tradução de uma maneira mais comunicativa.

Se você pensou em funções da linguagem nesse campo, pensou certo, visto que elas desempenham um papel-chave dentro das abordagens descritas como funcionalistas. Portanto, antes de prosseguimos, vamos lembrá-las.

Cronologicamente, as funções da linguagem foram abordadas pelo antropólogo polonês Malinowski em 1923, pelo lingüista e psicólogo austríaco Karl Bühler em 1934, por Roman Jakobson em 1960 e por Halliday nos anos 70. Bühler distinguiu três *funções* que coexistem no mesmo evento e que se apresentam hierarquizadas no enunciado.

As funções segundo Bühler são: Darstellungsfunktion (informativa); Ausdrucksfunktion (expressiva) e Appellfunktion (apelativa), conforme MUNDAY (2002:199).

A classificação de Bühler influenciou outros teóricos, como Jakobson, que manteve a classificação original, atribuindo-lhe apenas novos nomes:

- Referencial (contexto);
- Emotiva (remetente); e
- Conativa (destinatário).
- E acrescentando outras três, a saber:
- Fática (contato);
- Metalingüística (código); e
- Poética (mensagem).

Cada uma dessas funções está diretamente ligada a um dos fatores que intervêm na comunicação, no entanto uma sempre se destaca das outras dependendo de sua finalidade. Reconhecê-las é um fator importante para entender como o texto escrito se articula.

Outro ponto que merece esclarecimento é o termo ‘funcionalismo’, visto que existem muitos modelos e ‘versões’ dessa vertente associadas a outras áreas do conhecimento como a antropologia, etnografia, sociologia, jornalismo e ciências matemáticas, além de várias distinções dentro da própria lingüística da qual Simon Dik e Michael Halliday são exemplos. Porém, se retomarmos o que foi dito no início dessa unidade, podemos afirmar que o funcionalismo parte, de um modo geral, da função comunicativa que certas estruturas lingüísticas exercem dentro de um determinado contexto e da análise das estruturas que cooperam para realizar esta função, caracterizando a intenção pragmática (concreta) do usuário da língua.

Pelo fato de se preocupar com situações comunicativas orais e concretas, uma das questões centrais para os funcionalistas é investigar como os usuários da língua se comunicavam com eficiência, ou seja, a linguagem é compreendida como um instrumento de interação social, cuja intenção maior é a de estabelecer uma comunicação entre os usuá-

rios da língua. Por essa razão, prevalecem os estudos da linguagem que privilegiam o seu contexto de uso.

O termo ‘função’, por sua vez, também é utilizado em diversas áreas do conhecimento, a exemplo de ‘funcionalismo’: pode ser uma grandeza matemática ou representar a utilidade de um objeto ou ainda o valor de um termo dentro da oração. Para a lingüística, ‘função’ tem a ver com uma perspectiva sócio-cultural da língua, designando a relação entre uma forma e outra (função interna), entre a forma e o significado (função semântica) ou entre o sistema de forma e o contexto (função externa). Visto que o termo não compartilha dos mesmos critérios de definição e abrangência, dado o seu uso em áreas tão diversas do conhecimento, buscamos defini-lo aqui segundo a concepção das funções da linguagem que servem de parâmetro para o trabalho de Christiane Nord (1991), analisado no item 1.3.

1.2. O Funcionalismo para os Estudos da Tradução

O resgate dos termos ‘função’ e ‘funcionalismo’ nos permite compreender melhor o uso desses termos no que diz respeito às pesquisas realizadas no âmbito da tradução, pois ao definirmos nosso percurso teórico fica mais fácil entendermos a maneira de abordar e compreender o texto com o qual estamos trabalhando.

Surgido na Alemanha, o funcionalismo tem como princípio a tradução enquanto ação, interação comunicativa, ou seja, uma atividade que detém um propósito baseado em um texto de origem e destinado a um leitor final. A Alemanha do pós-guerra foi pioneira nos estudos relativos a teorias e prática de tradução, além de ter sido um dos primeiros países a institucionalizar o treinamento de tradutores. Nesse senti-

do, ocorre um rompimento com a formalidade dos estudos lingüísticos predominantes nas décadas de 70 e 80 e se fortalece, conseqüentemente, a abordagem do texto a partir de uma perspectiva mais comunicativa, maleável e dependente do contexto. Alguns nomes representativos desta abordagem são: Katharina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord.

Até meados da década de 70, a tradução ainda era uma atividade de mera transferência de códigos ao nível da palavra ou frase, baseada nos princípios da busca da equivalência um-para-um, também chamada equivalência interlingual, em que um signo corresponde exatamente ao outro em termos de significação. Com o tempo, as pesquisas passaram a exigir uma abordagem que considerasse o texto como um todo, voltando-se para os seus aspectos culturais externos. Nesse contexto desenvolveram-se as teorias de Katharina Reiss e Hans Vermeer.

Tradutora experiente e influenciada ainda pelas noções de equivalência que perduraram durante boa parte da década de 70, Reiss desenvolve o que chama de ‘tipologia textual’ (ou situações comunicativas) unindo algumas funções e dimensões da linguagem. A autora sugere que a transmissão das funções predominantes do TF é o fator decisivo para julgar e avaliar a adequação do TT. Para isso, Reiss utiliza critérios de instrução intra e extralingüísticos, os quais são expandidos, posteriormente, por Christiane Nord. Tais critérios permitem ao tradutor avaliar o *significado* do TF, o que lhe confere o poder de ‘interpretar’ o texto. A abordagem de Reiss considera três características importantes:

- A transmissão da *função* predominante do TF é o fator principal para julgar o TT;
- A importância dos critérios de instrução varia de acordo com a tipologia textual;
- O reconhecimento de que a função comunicativa do TT pode divergir daquela do TF e que o TT pode ser dirigido a um pú-

blico diferente do que fora intencionado pelo autor, razão pela qual se faz necessário avaliar a funcionalidade do TT em relação ao contexto da tradução.

De acordo com essa abordagem, a tradução ideal é aquela na qual o propósito, na língua de chegada (LC), é equivalente em relação ao conteúdo conceitual, à forma lingüística e à função comunicativa do TF. Mesmo criticada por dar prioridade ao TF, o mérito de Reiss está em definir a importância do TT para além de estruturas lingüísticas em condição de simples equivalência. Na perspectiva de Nord, além de limitar a prática tradutória, a equivalência lingüística não pode mais ser considerada como critério de escolhas metodológicas, dentro da perspectiva funcionalista. A ponte entre teoria e prática vem através de Hans Vermeer e do seu desejo em se afastar das teorias lingüísticas. Seu posicionamento teórico é relatado em um trabalho de 1976: “A lingüística por si só não irá nos ajudar. Primeiro, porque traduzir não é meramente e nem primeiramente um processo lingüístico. Segundo, porque a lingüística não formulou ainda as perguntas certas para lidar com os nossos problemas. Vamos, então, procurar em outro lugar.” Vermeer considera a tradução como um tipo de transferência na qual signos comunicativos - verbais e não verbais - são transferidos de uma língua para outra, ou seja, Vermeer compreende a tradução como uma *ação* humana, em busca de comunicação efetiva. Essa idéia implica a existência de uma intenção, de um *propósito* nas situações comunicativas (traduções) verbalizadas ou não que, por sua vez, estão inseridas em um sistema cultural específico, o qual condiciona a sua avaliação como adequada ou não. Por essa razão, Vermeer utiliza a palavra grega - *Skopos* (*objetivo, propósito*) - para definir a sua ‘teoria da ação proposital’ que, em inglês, passou a chamar-se *skopostheory* e, em alemão, *Skopostheorie*. O propósito da tradução é o que determina os métodos e estratégias a serem empregados para se produzir um resultado *funcionalmente adequado*, isto é, que comunique sem descaracterizar os textos como original e tradução.

“Linguistics alone won’t help us. First, because translating is not merely and not even primarily a linguistic process. Secondly, because linguistics has not yet formulated the right questions to tackle our problems. So let’s look somewhere else.” (NORD, 1997a:10, tradução nossa)

A *skopostheory* fundamentava-se, então, em dois pontos principais: 1) nos aspectos interacionais e pragmáticos da tradução determinados pelo *skopos* (função) que se pretendia atingir no contexto-alvo e 2) na figura do *addressee*, isto é, o receptor ou o público intencionado pelo autor no TF, juntamente com seus conhecimentos culturais, expectativas e necessidades comunicativas específicas. O conceito de *addressee* está presente também na teoria de Nord. Como resultado desse novo comportamento, a produção escrita, na perspectiva da *Skopostheory*, voltava-se para o TT em oposição a Reiss, para quem o TF era a medida de avaliação da qualidade da tradução.

1.3. A Teoria de Christiane Nord



Conforme você pôde observar e, apesar das tentativas de se abordar o texto como um todo, havia ainda algumas divergências teóricas que levavam texto-fonte e texto traduzido a continuar sendo vistos em pólos opostos. É justamente como um ponto de equilíbrio que surge a teoria de Christiane Nord. Emprestando de Reiss o conceito de tipologia textual e de Vermeer o *skopos* (função) e a figura do *addressee*, Nord compreende a tradução como um processo conjunto e constante de leitura tanto do TF como do TT, incluindo os seus aspectos externos e internos e também a função de ambos. Nesse sentido, Nord (1997a:1) define o funcionalismo como um meio de focalizar a função (ou funções) dos textos e das traduções lembrando que esses estão inseridos em contextos culturais distintos e que, portanto, envolvem leitores e có-

digos lingüísticos igualmente distintos. Você deve estar se perguntando se essa visão da língua enquanto código não é muito restrita ao se falar de tradução. Bem, nós utilizamos a palavra ‘código’ no sentido de símbolos – verbais ou não – empregados no ato comunicativo, ou seja, não existe aqui nenhum vínculo com teorias lingüísticas que compreendem a língua como um código estático que não evolui.

Voltando a Nord, as situações que determinam ‘o *quê*’ e ‘*como*’ as pessoas se comunicam podem ser modificadas à medida que a comunicação ocorre e outras variáveis comunicativas são colocadas em prática. Lembre-se que as situações comunicativas não são institucionalizadas ou mesmo padronizadas, mas ocorrem inseridas em ambientes culturais que as estabelecem e condicionam. Nesse sentido a ‘função’, de acordo com a perspectiva de Nord (1997a:9), representa e é determinada por essa situação comunicativa ou pelo contexto. Em outras palavras, é o contexto ou a situação em que os usuários da língua se encontram que define a função do texto – traduzido ou não – além das estratégias utilizadas para a sua produção.

Por essa razão compreendemos a teoria de Nord como um ponto de equilíbrio, visto que devemos, primeiramente, analisar e definir a função do TF para os leitores da LF, para só então voltarmos a nossa atenção à função que esse texto deverá exercer para os leitores da LC. Isso significa que a função que o TF exerce em relação aos leitores da LF pode não ser a mesma que a sua respectiva tradução deverá exercer para os leitores da LC pelo simples fato de que estão em jogo contextos culturais, códigos lingüísticos e receptores diferentes. Em outras palavras, a função textual pode ser observada a partir de duas perspectivas: 1) o contexto de produção do TF e 2) o contexto de recepção do TT. Isso porque a situação de produção de um nem sempre é a mesma situação de recepção do outro, e considerando-se, ainda, que pode haver um distanciamento espacial e temporal entre essas situações.

Ao analisar o TF, o tradutor precisa reconstruir as reações dos leitores na língua-fonte e, então, deduzir a intenção do autor. Só então é possível compreender o contexto sócio-cultural de recepção e definir quais estratégias utilizar durante o processo tradutório. A tradução ganha, dessa forma, uma dimensão histórico-cultural, representada através de três características básicas propostas por Christiane Nord (1991):

- A tradução é uma *ação*, ou seja, é uma situação comunicativa que está inserida num contexto de situação real e autêntico;
- Todo texto, traduzido ou não, tem uma *função*;
- Essa função só é concretizada no momento da recepção (da leitura) do texto por parte do destinatário, o que faz com que os textos tenham sempre um caráter *prospectivo*, isto é, os textos são sempre produzidos pensando-se no *leitor final*.

Isso é fácil de perceber se você pensar nos textos desta apostila. A sua função é basicamente informativa, referencial, e ela foi desenvolvida pensando em você, aluno-leitor, que é, ao mesmo tempo, professor e aluno, mas não, necessariamente, tradutor. É isso o que chamamos de 'leitor em prospecção'; esta é uma condição que devemos sempre ter em mente quando escrevemos um texto: Quem é o meu leitor? Qual a função da produção textual?

É dessa perspectiva que Nord define a tradução como sendo a produção de um texto-alvo funcional, ou seja, comunicativo, e que detém um propósito, apesar das barreiras lingüísticas e culturais. Você se lembra das funções da linguagem que vimos anteriormente neste mesmo capítulo? Nord reconhece cinco que fundamentam sua reflexão:

- Função zero – o emissor escreve sem o propósito aparente de que o texto seja lido por outros receptores. A escrita serve como um desabafo ou uma forma de organizar as idéias;

- Função referencial (objetiva) – não permite considerações pessoais e faz referência a objetos e fenômenos do mundo. Sub-funções: informativa, metalingüística, meta-textual, diretiva, didática etc.;
- Função expressiva (subjativa) – o emissor expõe suas impressões, atitudes e sentimentos em relação a coisas e fenômenos do mundo. Sub-funções: avaliativa, emotiva, irônica etc.;
- Função apelativa – convida o receptor a agir, pensar e refletir de acordo com propósitos do autor, apela diretamente à sensibilidade ou às experiências prévias do receptor. Sub-funções: ilustrativa, persuasiva, imperativa, pedagógica, propagandística etc.;
- Função fática – estabelece, mantém, finaliza o contato social entre emissor e receptor. Sub-funções: pequenas conversas, expressões de despedida, estórias introdutórias em uma reportagem etc.

Com a teoria proposta por Nord, os estudos da tradução ganham uma nova perspectiva mais maleável, instigante e aberta: tradução como comunicação intercultural.

Resumo

Nessa unidade você estudou sobre a teoria funcionalista alemã surgida nas décadas de 70 e 80. Você deve lembrar que o funcionalismo se coloca como uma oposição às antigas teorias lingüísticas formalistas, abordando o ato comunicativo a partir de uma perspectiva sócio-cultural. Nesse cenário destacam-se três importantes pesquisadores: Katherina Reiss, que se voltava ao TF, Hans Vermeer, aluno de Reiss e que se voltava ao TT, e, filtrando conceitos de ambos, Christiane Nord, que estabelece um modelo voltado à análise do TF (*text analysis*) para então pensar a tradução. Nesse processo a tradução é pensada por Nord com vistas a um leitor em prospecção, ou seja, o texto (seja ele traduzido ou não) é elaborado pensando-se no leitor que é previsto no final do processo e também nos seus conhecimentos, expectativas e contexto cultural. Nesse sentido, o tradutor deve ser não só bilíngüe como também bicultural de modo a re-estruturar o contexto de produção do TF para então estruturar o contexto de recepção do TT. Portanto, se o texto original possui uma função específica, essa pode ou não ser a mesma na tradução obtida.

Sugestões de Leitura:

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies**: theories and application. NY: Routledge, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Texto e Linguagem).

NORD, Christiane. Comunicarse Funcionalmente En Dos Lenguas. In: FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina; WORJAK, Bernd (Ed.). **Léxico especializado y comunicación interlingüística**. Granada: Granada Lingüística, 2004. p. 285-296.

_____. Defining Translation Functions: The Translator Brief as a guideline for the trainee translator. In: LÖRSCHER, Wolfgang (Ed.). **Ilha do Desterro**: Translation Studies in Germany. Florianópolis: EDUFSC, 1997b. p. 39-53.

_____. **Functionalist Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997a.

_____. **Text Analysis in Translation.** Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1991.

_____. **Text Function(s) in Bible Translation?** In: ATA Chronicle, 2003. vol. XXXIII. p. 34-38.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem:** as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. [2002?]. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Unidade D

A Década de 90

1 A Virada dos Anos 90

Neste capítulo conheceremos as teorias de Mary Snell-Hornby.

Segundo uma das mais importantes autoras e teóricas de tradução, Mary Snell-Hornby (1989), catedrática da Universidade de Viena, Áustria, os anos 90 sinalizaram mudanças importantes nos estudos da tradução com referência a conteúdos e métodos de pesquisa. A professora Snell-Hornby conta-nos um pouco sobre sua trajetória profissional, iniciada nos anos 60. Nessa época, como leitora da Universidade de Munique, Alemanha, pôde observar que a tradução era vista como sendo, unicamente, um fato de língua, sem fundamentação científica ou orientação teórica. Paralelamente, teve oportunidade de fazer traduções que lhe eram encomendadas (textos para conferências, comentários de filmes que integrariam festivais de cinema etc.) e logo se deu conta que o mundo voltado à tradução dentro da universidade e a realidade profissional ligada à tradução fora dela significavam duas realidades muito diferentes.

Em um momento seguinte, Snell-Hornby atuou em institutos de formação para tradutores, em Heidelberg, Alemanha, e Innsbruck, Áustria, bem como trabalhou com tradução literária em Göttingen, Alemanha, onde a idéia da heterogeneidade dessa área de trabalho se confirmou. A realidade de que se precisaria de uma teoria integrada de tradução de modo a abordar todas essas diferentes perspectivas e contemplá-las com eficiência apresentava-se como tarefa bastante difícil. As teorias, ainda incipientes, que se apresentavam, tinham caráter restritivo, eram pouco abrangentes.

Até meados do século XX constatamos que a tradução ocupava-se quase que exclusivamente com obras da antiguidade, com a tradução da Bíblia e com obras monumentais, como os dramas de Shakespeare,

por exemplo. A tradução era, portanto, assunto para a filosofia, teologia ou para os estudos literários. Com a Segunda Guerra Mundial esse quadro sofreu mudanças, principalmente com a empolgação advinda com o surgimento da tradução automática, feita com o auxílio de máquinas. Passou-se a pensar em rigor científico dentro da tradução, não só no que se refere à tradução automática, mas também com relação à tradução da Bíblia e traduções técnicas e de linguagem usual, segundo, principalmente, o legado da Escola de Leipzig (Alemanha, na época ainda Alemanha Oriental). Assim, surgiu na Europa, principalmente na Alemanha, o estudo da tradução de perfil moderno, voltado para a lingüística, ou seja, integrando a Lingüística Aplicada e seguindo parâmetros de rigidez da lingüística em si.

Dessa perspectiva, parece ter havido duas viradas principais na disciplina como um todo. A primeira foi metódica e resultante da necessidade de mais estudos empíricos, tanto na tradução como na interpretação. Já a segunda, como vimos, foi ousada e de fora para dentro, ou seja, através do desenvolvimento tecnológico e do processo de globalização, os quais modificaram radicalmente o perfil empregatício dos tradutores e intérpretes. Dessa época registram-se estudos sobre terminologia, por exemplo, e trabalhos de tradução com o auxílio do computador, o que vem se tornando um mundo próprio, para além dos domínios das pesquisas “comuns” ou da tradução literária.

Depois de décadas de teorizações e filosofias, a chamada para pesquisas e investigações mais empíricas foi um acontecimento-chave, o que, segundo Snell-Hornby, ajudou a mudar o perfil da disciplina com investigações sobre a estrutura do processo de tradução. A questão dos processos mentais, subjacentes à tradução, impulsionou a curiosidade e os debates na Europa no sentido de descobrir como os tradutores definiam suas estratégias decisórias e textuais. É nessa época que surgem técnicas chamadas de “protocolos verbais” para tentar registrar,

em detalhes, todo o processo tradutório. Os resultados desses estudos demonstram que os tradutores ativam o seu conhecimento geral e a sua experiência pessoal, lingüística e cultural, focalizando o sentido do texto; eles aplicam estratégias conscientes e critérios teóricos, e têm mais autoconfiança e curiosidade, além de um grande senso de responsabilidade para com a realização do seu trabalho.

Outro tipo de pesquisa empírica voltou-se aos métodos da lingüística de *corpus*, demonstrados nas décadas de 70 e 80 com projetos usando *corpora* e computadorizados em larga escala. O propósito dos *corpora*, a parte das informações fornecidas ao tradutor por textos paralelos, era o de oferecer informações extensivas para trabalhos descritivos na área.

Ainda segundo Hornby, a virada da globalização marcou os estudos da tradução de forma contundente. Esse termo se aplica diretamente à tecnologia e ao comércio, mas também à comunicação e à linguagem, ao discurso internacional e à própria tradução. O fenômeno da linguagem, como meio de expressão de comunidades culturais individuais, aponta para uma noção construtiva de identidade cultural, indicando uma autoconsciência marcada por características bem distintas. O ponto interessante é investigar como esses desenvolvimentos culturais são percebidos e como afetam o estudo da tradução, no sentido de que oferecem novos materiais para o trabalho do tradutor, tais como materiais de telecomunicações e novos tipos de textos multimídia, como os recursos audiovisuais.

Outro ponto que, segundo Snell-Hornby, também marcou uma virada para os estudos da tradução foi a propaganda, uma característica da vida moderna e dos países capitalistas. Com a globalização e os mercados internacionais, a propaganda tem se tornado uma questão importante na tradução, pelo fato de abordar interesses específicos relacionados à cultura, religião, às questões éticas e legais. Nesse sentido, é possível mencionar algumas estratégias de tradução, a saber: 1) ausência

de mudanças gráficas e textuais; 2) manutenção do logo, slogan e estereótipos da cultura com as devidas adaptações para a cultura-alvo; 3) tradução direta; 4) adaptação; e 5) revisão. Desse modo, os anos 90 consolidam um novo momento dessa disciplina, isto é, os estudos da tradução saem do dogmático, da centralização, para uma posição mais relativa e frutífera entre a pluralidade de línguas e de culturas num contexto cuja necessidade é a sustentação de diálogos internacionais e interculturais.

Os Estudos da Tradução passam a abrir novas perspectivas também a partir de outras disciplinas não diretamente relacionadas ao estudo da linguagem e cultura, mas à comunicação através de culturas diversas. Seu principal objetivo é, pois, construtivo, visto que, ao 'estabelecer um diálogo' entre culturas, tem-se a necessidade de treinar melhores profissionais, intérpretes bilíngües e biculturais, a exemplo do que Christiane Nord já havia mencionado em seu livro intitulado *Text Analysis* sobre o papel do tradutor, e de possibilitar especializações nas áreas de interesse da tradução. Como o processo de integração e de unidade política envolve adaptação, harmonização e padronização, a influência concreta e o impacto dos estudos tradutórios devem ser mais claramente percebidos nas discussões acadêmicas e no mundo como um todo.

É nesse sentido que, também nos anos 90, desenvolve-se um campo de estudos que tem atraído, cada vez mais, o olhar de pesquisadores e teóricos da área – tradução e análise do discurso – campo que você irá estudar no item a seguir.

Resumo

Neste capítulo você conheceu o trabalho da professora Mary Snell-Hornby, da Universidade de Viena, Áustria. Hornby aponta para a necessidade de se adaptar os estudos da tradução, antes voltados a obras da antiguidade e à literatura, como a tradução da Bíblia e os dramas de Shakespeare, à era globalizada em que vivemos hoje. A professora Hornby mostra a necessidade de se pensar em uma teoria integrada de tradução como ruptura em relação às teorias de caráter restritivo e pouco abrangentes que existiam até então. Nesse sentido presenciamos duas viradas importantes para a disciplina: uma metódica, ressaltando a necessidade de estudos empíricos (enfocando o processo de tradução, focalizando o sentido do texto e o trabalho dos tradutores), e a outra, ousada, com o aumento das traduções computadorizadas e estudos sobre terminologia. Os estudos da tradução passam a ser nesse sentido multidisciplinares e a estabelecer diálogos internacionais e interculturais como consequência direta do processo de globalização.

Sugestões de Leitura:

SNELL-HORBY, Mary. Eine integrierte Übersetzungstheorie für die Praxis des Übersetzens. In: KÖNIGS, Frank G. (Org.): **Übersetzungswissenschaft und Fremdsprachenunterricht**: Neue Beiträge zu einem alten Thema. München: Goethe Institut, 1989. p. 15-51.

_____. (Org.). **Übersetzungswissenschaft**: Eine Neuorientierung. 2. ed. Tübingen u. Basel: Francke Verlag, 1994.

2 A Análise do Discurso e a Tradução

Neste capítulo vamos conhecer abordagens discursivas para a pesquisa em tradução e seus teóricos.

A área da análise do discurso vem, gradativamente, atraindo o olhar dos pesquisadores para as interfaces de trabalho favorecidas por ela. E, nesse cenário, a tradução não poderia ficar de fora.

A análise do discurso vê o modo como a língua é utilizada e as relações sociais e de poder que se estabelecem a partir dela. Aqui entram os trabalhos de Halliday (1978-1994), Julianne House (1997), Mona Baker (1992), Hatim e Mason (1990-1997), considerando dimensões semióticas e pragmáticas da tradução. Halliday associa escolhas lingüísticas num nível micro com as funções comunicativas do texto e os significados sócio-culturais existem por detrás dele. House compara pares de TF e TT em variáveis situacionais, de gêneros, funções e linguagem, de modo a identificar o método de tradução empregado e os ‘erros’ de tradução. Já Baker e Hatim e Mason trabalham com idéias de pragmática e sociolinguística que são relevantes para a tradução em si e para a análise de tradução. Baker enfatiza, ainda, estruturas temáticas e de coesão do texto, enquanto Hatim e Mason consideram o modo como as relações sociais e de poder são negociadas e comunicadas na e através da tradução.

A seguir, você encontra, resumidamente, alguns autores que utilizam abordagens discursivas para a pesquisa em tradução, bem como suas reflexões e teorias. Lembramos que as datas apontadas junto aos autores não têm uma função cronológica, mas tão somente localizam os mesmos temporalmente para que você, aluno-leitor, também possa se situar temporalmente.

Gideon Toury (1995) - desenvolveu uma metodologia para os estudos descritivos da tradução como um meio não prescritivo de se entender as normas no processo de tradução e de descobrir as suas leis gerais. Toury enfatizou o desenvolvimento de uma *teoria geral* da tradução, pois para ele as traduções ocupam uma posição nos sistemas literário e social das culturas-alvo que determina as estratégias de tradução a serem empregadas. Sua proposta é a de uma *metodologia trifásica* para os estudos descritivos, incorporando a descrição do produto e um amplo papel do sistema sócio-cultural: 1) situar o texto dentro do sistema da cultura-alvo, buscando sua significância e aceitabilidade; 2) comparar o TF e o TT buscando os deslocamentos, identificando relações entre pares de segmentos de ambos e observando generalizações sobre o conceito de tradução subjacente; e 3) apontar implicações à tomada de decisões para realizar futuras traduções. Toury justifica a análise do produto da tradução como um meio para se identificar o processo de tomada de decisões do tradutor, fundamentado nas normas que operam em diferentes estágios da tradução.

Susan Bassnett (1991) e André Lefevere (1992) - ambos vêem a tradução como re-escritura, e a motivação para esse trabalho pode ser tanto ideológica quanto poética. Lefevere trabalha, especificamente, com literatura comparada e estuda fatores que governam a recepção, aceitação ou rejeição de textos literários. Para ele a comunicação mais importante é a ideologia, seja do tradutor, diretamente, ou do círculo de clientes e de suas instruções.

Gayatri Spivak (1990) – suas pesquisas estão voltadas ao pós-colonialismo e o seu trabalho é um indicativo de como os estudos culturais, principalmente os do pós-colonialismo, têm focalizado questões de tradução, transnacionalização e colonização na última década. O *link* tradução-colonização é sustentado através do argumento de que a tradução tem tido um papel ativo no processo de colonização e na disseminação de uma imagem, ideologicamente motivada, de pessoas colonizadas.

Lawrence Venuti (1992) – assume uma agenda política e cultural na tradução. Para o autor, o escopo da tradução precisa ser ampliado de modo a considerar a natureza dos seus valores sócio-culturais. Propõe, então, o termo invisibilidade para descrever a situação e a atividade do tradutor na cultura anglo-americana contemporânea. A invisibilidade se refere ao modo como os tradutores lidam com textos em inglês. Eles optam por uma tradução fluente para produzir um TT que seja legível, criando, assim, a ‘ilusão da transparência’. A tradução é vista como derivativa e de importância e qualidade secundárias. Venuti propõe, então, dois tipos de estratégias de tradução: *estrangeirização e domesticação*, relacionadas com a escolha do texto a traduzir e com o método da tradução. Se você lembrou de [Schleiermacher](#) pensou certo, pois as estratégias propostas por Venuti têm a influência desse autor alemão.

Ver capítulo 2 da Unidade B -
Um Pouco de História

Antoine Berman (2000) – lastima a tendência geral de se negar o estrangeiro na tradução. Para Berman, o correto seria importar o estrangeiro para a cultura-alvo através da estratégia de “naturalização”, semelhante à “domesticação” proposta por Venuti. Isto porque o objetivo ético do ato tradutório seria, segundo Berman, receber o estrangeiro como estrangeiro. O autor considera, entretanto, que existe um sistema de deformação textual nos TTs, o qual impede que o estrangeiro apareça. Nesse sentido, Berman compreende o tradutor como exposto a certas forças etnocêntricas, as quais determinam o seu “desejo de traduzir” bem como a forma que será conferida ao TT. Os interesses desse autor centram-se na tradução de ficção e na tradução literária, esta última por ligar idéias filosóficas a estratégias de tradução.

George Steiner (1975) – Steiner é o autor de *After Babel*. Considerado um marco na disciplina, a obra de Steiner é tida como a primeira investigação sistemática da teoria e dos processos de tradução desde o século XVIII. Seu foco inicial é o funcionamento psicológico e intelectual da mente do tradutor além da discussão relativa ao processo de sig-

Hermenêutica

Interpretação do sentido das palavras - Interpretação dos textos sagrados.

nificação e compreensão subjacentes ao processo de tradução. O autor descreve a **hermenêutica** de tradução, em sua obra, como um traço de elicitación e transferência apropriada de significados, baseado no conceito de tradução não como ciência, mas como ‘arte exata’.

Walter Benjamin (1989) – é central em seu trabalho a noção de que uma tradução não existe para dar ao leitor uma compreensão do ‘significado’ ou do conteúdo informacional do TF. A tradução existe separadamente, tendo emergido de uma pós-vida, apesar de existir em conjunto ao TF, mas, ao mesmo tempo, conferindo ao original uma ‘vida continuada’. Essa recriação é o que dá sobrevivência e sustentação ao TF. Para Benjamin, a boa tradução expressa sempre uma relação central e recíproca entre as línguas; revela relações herdadas que estão presentes e que se manteriam escondidas sem a tradução. Isso se deve não porque a tradução quer ser como o original, mas porque deve haver uma harmonia no trazer para uma convivência conjunta duas línguas diferentes. Assim, a tradução contribui para o crescimento de sua própria língua (pela aparência do novo texto na língua-alvo) e possui o objetivo de “uma língua pura e maior”, objetivo central de Benjamin.

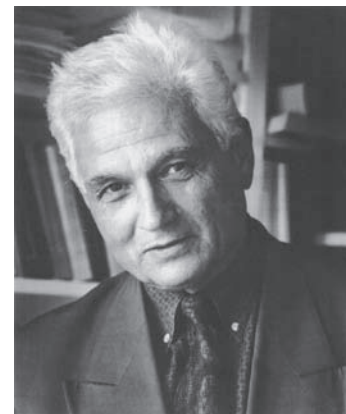
Segundo o autor, essa língua pura é revelada na coexistência e complementação da tradução com o seu original; o caminho para essa língua pura é através de um TF e de suas várias traduções. Para conseguir isso, a estratégia é fazer uma tradução transparente, não encobrir o texto original, permitindo, então, que a língua pura aconteça, isto é, a língua-alvo é afetada pela língua estrangeira, pela literalidade da sintaxe. Como resultado, tem-se uma tradução tida como ideal ou interlinear, ou seja, a língua-alvo coexistindo com a língua estrangeira. Tradução é um movimento de transposição, almeja a língua pura.

Para Benjamin, traduzir não é comunicar, visto que a tradução é uma transmissão inexata de um conteúdo sem essência. A tradução é uma

forma, só o sentido é o mesmo. A afinidade entre as línguas não está só na semelhança sintática, mas na relação entre todas elas. Benjamin se aproxima de Venuti (estrangeirização) e Schleiermacher (leitor para o autor).

Jacques Derrida (2001) – a questão da diferença cultural no trabalho de Derrida se dá da seguinte maneira: o tradutor experiencia a língua estrangeira diferentemente da sua língua materna e, cada par de línguas – fonte e alvo - difere e impõe suas diferenças na tradução e para a sociedade. Segundo o autor, uma tradução relevante se baseia numa suposta estabilidade de relação entre significado e significante e objetiva uma transparência total, que poderia ser chamada de domesticação nas terminologias modernas sobre tradução; entretanto, essa domesticação não pode ser fluente. Derrida questiona a base da linguagem da tradução, rejeitando as teorias de significado e de tradução baseadas na ‘unidade e identidade da linguagem’.

Mary Snell-Hornby (1995) – como já foi abordado, essa autora busca integrar uma grande variedade de conceitos lingüísticos e literários através de uma ‘abordagem integrada’ para a tradução. Snell-Hornby utiliza a noção de protótipo para categorizar os tipos de textos; portanto, dependendo do tipo de texto, a autora incorpora a história cultural, estudos literários e socioculturais e áreas de estudo. Já para as traduções legais, científicas e médicas o estudo dos temas especializados é sempre relevante. Snell-Hornby defende ainda que os estudos da tradução desenvolvem seus modelos e convenções específicas e objetivam uma ‘teoria de relacionamentos’ no contexto do texto, da situação e da cultura, ao invés de uma abordagem lingüística clássica. O aspecto cultural fica, por sua vez, limitado à consideração de acréscimos culturais do próprio texto ou das frases dadas. Snell-Hornby trabalha no sentido de superar as diferenças entre as abordagens lingüísticas e literárias.



Você pode acessar o site do professor Pym: <http://www.tinet.org/~apym/>.

Anthony Pym (1998) - na esteira da evolução da disciplina para além das abordagens puramente lingüísticas, Pym adota o termo 'interdisciplinar' e 'intercultural' na descrição do trabalho de história da tradução e põe em dúvida o fato de os estudos da tradução poderem ser mapeados, conforme houvera sugerido Holmes. Muitos teóricos têm abordado a tradução a partir de uma perspectiva cultural e muitas pesquisas se estruturam a partir de uma série de conceitos e técnicas de diferentes referenciais históricos, mas a construção de uma metodologia interdisciplinar não é direta, visto que poucos são os pesquisadores que possuem conhecimento necessário a respeito de áreas diversas, além de que o histórico acadêmico original do pesquisador condiciona, inevitavelmente, o foco de suas abordagens. Pym leciona atualmente na Universitat Rovira i Virgili, em Tarragona, Espanha.

Devemos ainda mencionar os estudos da Lingüística de *corpus* que tratam de uma grande quantidade de textos eletronicamente armazenados, o que facilita o estudo de características da linguagem traduzida. Embora as aplicações presentes da lingüística de corpus sejam limitadas, pode haver aplicações de caráter descritivo para os estudos da tradução, visto que o computador é capaz de analisar textos inteiros de uma maneira tal que é quase impossível realizar o trabalho manualmente. Há, entretanto, a preocupação de que os pesquisadores com acesso limitado a essas novas tecnologias possam ficar em desvantagem se comparados a outros, com acesso a recursos tecnológicos modernos, ainda que o contato com a comunidade de pesquisa seja facilitado com a troca de informações (conferências, chamadas para artigos, websites etc.). Isso se dá porque as ferramentas tecnológicas se desenvolvem muito rapidamente, havendo a necessidade de o pesquisador e as investigações acompanharem esse mesmo ritmo.

Como você pode observar, a importância dessa virada cultural é agora parte integrante das pesquisas e reflexões sobre a tradução, cha-

mando a atenção para outros pontos importantes como as questões de gênero e discussões sobre o pós-colonialismo. Nesse sentido, há uma crescente preocupação com as possíveis conseqüências ideológicas da tradução nas últimas décadas, centradas em questões como a transnacionalidade e a colonização. O argumento que sustenta essas discussões é o de que a tradução assume um papel ativo no processo da colonização e na disseminação de uma imagem, ideologicamente motivada, de povos colonizados. Aqui é empregada a metáfora da colônia como uma cópia translacional inferior cuja identidade, então suprimida, é substituída pela imagem – reescrita – feita pelo colonizador.

Essa interface dos Estudos da Tradução com as teorias pós-colonialistas é sustentada em ‘relações de poder’ e estudada por uma teórica chamada Tejaswini Niranjana. Niranjana vê a tradução literária como um dos discursos que transmitem o aparato hegemônico de pertencer à estrutura ideológica do colonialismo (os outros discursos seriam: educação, teologia, historiografia e filosofia). A autora estuda as maneiras como as traduções para o inglês têm sido utilizadas pelo poder colonizador para construir a imagem – reescrita – do ocidente, a qual, conseqüentemente, tem sido apresentada e aceita como a única imagem real e verdadeira, imagem esta que funciona como a imposição de valores ideológicos do colonizador.

Como resultado das reflexões de Niranjana temos o que a autora denomina ‘relações assimétricas de poder’, isto é, a luta desigual de várias línguas locais contra o que ela chama de ‘a única língua mestre do nosso mundo pós-colonial, o inglês’. A tradução assume assim a posição de campo de batalha e exemplo maior do contexto pós-colonial. Há também um link entre o que é translacional e transnacional, referindo-se este último à vivência pós-colonial de imigrantes e, de forma mais ampla, à ‘desruptura local’ que descreve a situação daqueles que permanecem no lado, praticamente desintegrado, de suas forças ‘nativas’.

Resumo

Neste capítulo você estudou a virada da tradução nos anos 90 rumo a abordagens consideradas interdisciplinares. Essas mudanças dizem respeito a métodos de pesquisa e conteúdos que começam a mesclar abordagens lingüísticas, literárias e culturais. As pesquisas adquirem um caráter empírico, o que altera o perfil da disciplina com investigações sobre a estrutura do processo de tradução. Como consequência, cresce o interesse pelo estudo do processo tradutório e as pesquisas que fazem uso da técnica dos “protocolos verbais” para registrar esse processo e da lingüística de *corpus*, utilizando *corpora* computadorizados em larga escala, visando oferecer informações extensivas para trabalhos de caráter descritivo. A globalização incentiva desenvolvimentos culturais que afetam o estudo da tradução com a criação de novos materiais de trabalho para o tradutor, tais como: materiais de telecomunicações, novos tipos de textos multimídia e a linguagem da propaganda. Dessa maneira, cresce a necessidade de diálogos internacionais e interculturais e a tradução passa a ter um caráter multidisciplinar. Você também deve se lembrar de autores que se utilizam de abordagens discursivas para a pesquisa em tradução como Toury, Benjamin, Derrida, Hornby, Pym e Steiner, voltados a questões sobre estrangeirização e domesticação, à busca da língua pura, de uma teoria interdisciplinar e uma abordagem integrada para os estudos da tradução, e também dos estudos pós-colonialistas cuja representante é a teórica Niranja, que estuda o papel da tradução como veículo de apagamento de culturas.

Sugestões de Leitura:

GENTZLER, Edwin. **Contemporary Translation Theories**. London: Routledge, 1993.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. NY: Routledge, 2002.

SNELL-HORNBY, Mary. **The turns of Translation Studies**. New paradigms or shifting viewpoints? Amsterdam: University of Viena; Philadelphia: John Benjamins Company, 2006.

Unidade E

Problematização da Prática
Tradutória

1 A Tradução vista como processo e como produto

Na literatura sobre tradução, você encontra muitas discussões e oposições intimamente relacionadas. O fato de os estudos da tradução terem adquirido ares de disciplina acadêmica foi responsável pela definição de normas, avaliações, abordagens teóricas e metodológicas próprias. Conseqüentemente, a problematização do fenômeno da tradução também gerou discussões e reflexões sobre as maneiras de se pensar a tradução, como, por exemplo, a sua abordagem enquanto processo e/ou enquanto produto. São esses os dois aspectos principais que vamos abordar neste item.

1.1. A Tradução vista como Processo

Conforme você pode observar, através dos autores que mencionamos até então, são grandes as discussões acerca da tradução ser abordada como produto ou como processo. Este último, o processo, começou a ganhar mais visibilidade na década de 80, estruturando-se como uma nova fase na disciplina de tradução. A defesa da prática tradutória enquanto processo possibilitaria chegar à compreensão da tradução enquanto um fenômeno passível de investigação científica, conforme Königs, 1990. Segundo Lörscher (1992:426) essa abordagem poderia contribuir para uma virada processual, visto que até então a teoria da tradução se preocupava apenas com dois fenômenos: a tradução como produto e a competência tradutória. Pouca atenção era dada ao processo, isto é, ao desempenho e ao papel dos tradutores ou às condições nas quais realizavam a sua tarefa.

Nesse sentido, como você pode deduzir, a atenção dos pesquisadores voltou-se à análise de fatores cognitivos tais como a memória, cate-

gorização, tomada de decisões, estratégias empregadas para a resolução de problemas, instruções de tradução (público-alvo, função do texto etc.) e características sócio-culturais; informações estas registradas pelos próprios tradutores durante o seu trabalho. Essas ações permitiram investigar o trabalho de tradutores profissionais e aprendizes sugerindo que a tradução não se limita a um processo passivo de re-conhecimento e reprodução de um TF, visto que o tradutor se posiciona frente a esse processo de comunicação intercultural. A tradução é a reprodução das práticas do outro ou a sua incorporação dentro de um conjunto de práticas próprias do tradutor que não é somente bilíngüe como também bicultural. Assim, é possível investigar o desempenho dos tradutores, os aspectos socioculturais e a identificação de características relativas à prática profissional como processos de tomada de decisão.

Além desse mapeamento cognitivo, a tradução vista como processo permite discutir questões relativas à equivalência textual e que dizem respeito a uma série de dicotomias existentes na disciplina, tais como: “literal” ou “livre”; “fiel” ou “dinâmica”, “forma” ou “conteúdo”, “palavra” ou “sentido”. No entanto e, apesar de todas as discussões geradas, a equivalência, seja no âmbito da palavra ou do sentido, é ainda um fator muito valorizado como medida de avaliação da qualidade de um texto e, principalmente, no que se refere às visões mais tradicionais sobre tradução. Nesse sentido, o trabalho do tradutor é considerado como sendo de sucesso se conseguir alcançar a equivalência em um desses dois níveis, palavra ou sentido.

Uma das formas mais utilizadas para o registro do processo da tradução é a técnica dos protocolos verbais conforme mencionamos na unidade anterior. Essa técnica prevê que o tradutor registre, em gravação, os procedimentos que utiliza durante a tradução a fim de que o pesquisador tenha acesso a todos os seus detalhes. Entretanto, ainda que interessante e funcional do ponto de vista investigativo, não há garantias

de que o tradutor relate todas as estratégias empregadas em seu trabalho e em todos os momentos nos quais apareceram problemas que exigiram algum tipo de solução.

Existem ainda algumas abordagens que estudam a tradução como processo em termos de atividade comunicativa na qual papéis sociais específicos, trazidos à tona pelo tradutor e pelo autor do texto, são derivados de dois universos culturais distintos. Lembre-se que o texto, quando traduzido, pode não ter, para o público-alvo, a mesma função que o autor almejava para o público leitor da língua-fonte, conforme você estudou no item sobre funcionalismo e tradução. Dessa maneira, o processo da tradução deve ser considerado como um sistema complexo no qual compreensão, processamento e projeção do texto traduzido são frações interdependentes de uma mesma estrutura.

1.2. A Tradução vista como Produto

Se você abordar um texto traduzido somente, sem estabelecer conexões entre ele e o texto-fonte ou texto original, você está vendo a tradução enquanto um produto, existindo de forma independente do texto original. O interesse aqui é a prática tradutória, o resultado do TT. Nesse tipo de abordagem é também possível fazer levantamentos de problemas existentes e estratégias utilizadas pelo sujeito para solução dos mesmos, por meio da revisão da tradução, quando o aprendiz de tradução tem um produto do processo, isto é, um texto que está sujeito a modificações. É possível, também, estudar os deslocamentos de funções do tradutor-aprendiz no ato tradutório. Ao se investigar a complexidade das decisões tomadas pelo tradutor, a tradução prevê única e exclusivamente a análise do TT. Lembre-se de quando estudou sobre os teóricos funcionalistas? Uma autora pode exemplificar muito bem a questão da tradução como produto: Katharina Reiss. Para ela, o tradutor e o próprio pesquisador

deveriam voltar o seu olhar exclusivamente para o TT, o qual é a medida de avaliação da qualidade da tradução e da própria prática do tradutor.

Outro trabalho que vale a pena mencionar foi realizado pelo prof. Dr. Werner Heidermann, da Universidade Federal de Santa Catarina, para os Cadernos de Tradução (nº5, 2000:163-182). Heidermann apresenta traduções para o alemão, inglês, francês e espanhol a partir de um mesmo texto em língua portuguesa, cujo tema é a Festa da Tainha, em Florianópolis. O fator de interesse nesse tipo de trabalho é verificar possíveis semelhanças e divergências entre as traduções, ou seja, o modo como cada uma retrata o tema da Festa da Tainha. Nesse sentido, a atenção do pesquisador se volta para as estratégias empregadas pelos tradutores como, por exemplo, omissões e explicitações utilizadas em função das restrições impostas pela estrutura às línguas e também em função dos limites culturais. Nesse caso, o TF serve apenas como referência ou medida para que se possa delimitar o quão próximo ou distante está o texto traduzido.

Resumo

A tradução vista como processo e como produto gera muitas discussões acerca de abordagens, formas de avaliação, estratégias e reflexões acerca da prática tradutória. Enquanto processo, os interesses voltam-se ao estudo de processos cognitivos, ao uso de protocolos verbais na tentativa de se descobrir o que acontece na mente do tradutor ao longo do processo e como são levadas a cabo decisões sobre estratégias tradutórias e culturais empregadas na realização do trabalho. Enquanto produto, prevalece o interesse voltado ao TT na busca por semelhanças e/ou diferenças entre várias traduções de um mesmo TF.

Sugestões de Leitura:

HEIDERMANN, Werner. Tradução sem Fio: da “Festa da Tainha” à “Festa do Mujen”. In: NUT – Núcleo de Tradução. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: EDUFSC, nº 5, p. 163-182, 2000.

Unidade F

Caminhos Atuais

1 Mapeamento da Disciplina

Após conhecer um pouco da história da tradução e das possibilidades de pesquisa na área, além do funcionalismo alemão, neste capítulo você encontrará informações que buscam oferecer um panorama ou um mapeamento da disciplina dos estudos da tradução nos dias atuais. Nesse aspecto, são apresentadas algumas atividades de pesquisa em tradução, nas sub-áreas de Letras e Lingüística de Instituições de Ensino Superior brasileiras (IES) entre as décadas de 80 e 90.

Os dados que você encontra nesse item foram publicados pela coordenação do grupo de Trabalho de Tradução da ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística das Instituições de Ensino Superior brasileiras (públicas e privadas) entre 1980 e 1990. Para tanto foram levantados ao longo de 2000 e 2001 resumos de teses e dissertações defendidas na área. Conforme ressalvas dos próprios organizadores, parte-se do pressuposto de que um mapa não é o território mapeado de fato, mas sim uma representação dos rumos e tendências da pesquisas em questão. Nesse sentido, foram verificados 95 (noventa e cinco) resumos, incluindo-se trabalhos de mestrado, doutorado e livre-docência.

A concentração majoritária dos resultados da pesquisa se deu em nível de mestrado, com 54 dissertações registradas, isto é, 56,8% do total. O número de teses de doutorado, 39 (41,1%) também foi bastante significativo. Tendo-se em vista o estágio embrionário dos Estudos da Tradução no Brasil nas décadas em questão, a expectativa era a de um número de teses de doutorado bem inferior. Ademais a grande expansão dos Estudos da Tradução no contexto internacional nas décadas analisadas parece ter tido uma repercussão direta no Brasil. Por fim, a pouca frequência de teses de livre docência está relacionada com o fato de ser esta

uma modalidade demandada por carreiras docentes apenas em algumas poucas instituições no país.

No que se refere à distribuição das teses e dissertações pelas IES brasileiras, os 95 resumos cadastrados se distribuem por 4 universidades federais (UFMG, UFSC, UFRJ e UFRGS), 4 estaduais (USP, UNICAMP, UNESP - campi Rio Preto e Araraquara - e UECE) e 3 católicas (PUC-SP, PUC-RIO e PUC-RS). Foram registrados ainda trabalhos de doutoramento defendidos em 5 universidades estrangeiras nos Estados Unidos, Alemanha, Bélgica e Canadá.

Quanto ao assunto abordado nesses trabalhos acadêmicos, os dados da ANPOLL mostram que há uma grande heterogeneidade e que, apesar disso, podem ser organizadas em algumas categorias, a saber:

- A reescritura no Brasil e no português do Brasil (e em outras línguas/contextos). Essa noção é bastante explorada em estudos literários de autores como: Clarice Lispector, James Joyce, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, João Guimarães Rosa, Samuel Beckett, Joaquim Maria Machado de Assis, William Shakespeare, Monteiro Lobato, Antoine Berman, Walter Benjamin e outros. Algumas obras estudadas foram: *As Vinhas da Ira*, *King Lear*, *Animal Farm*, *Dubliners*, *A Streetcar Named Desire*, *O Apanhador no Campo de Centeio*, *Romeu e Julieta*, *Peter Pan*, *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *Bíblia*, *Grande Sertão: Veredas*, *Alice no País das Maravilhas* e *Cien Años de Soledad*;
- O interesse no “*Outro*” manifestado em estudos que enfatizam dimensões políticas. Entretanto, mesmo sendo o tema principal, os pesquisadores não o utilizam como palavra-chave;
- O interesse em resgatar a história dos Estudos da Tradução no Brasil, traçando sua trajetória ao longo dos seus anos de desenvolvimento. Algumas obras mencionadas no relatório da ANPOLL tratam de temas como: “Percursos críticos e tradutórios da nação: Brasil e Argentina”, “Tendências nos Estudos da Tradução Literária: passado e presente”. Merece destaque também o

O “*Outro*”, em maiúsculas, é utilizado em respeito a eventuais diferenças entre o contexto cultural do emissor e do receptor.

trabalho de Lia Wyler, “Línguas, poetas e bacharéis. Uma crônica da tradução no Brasil”, sua tese de doutoramento, publicada em livro em 2003;

- A preocupação em estabelecer a afiliação teórica, conceitual e metodológica do trabalho de forma direta ou não, como: “instrumentalidade do modelo descritivo”, “uma reflexão à luz da análise do discurso”, “meandros da crítica textual”, “agência cultural, normas e a tradução”.
- Tradução e diferença; e
- Trabalhos de cunho teórico, tais como: “Tradução: teorias e contrastes”, “O modelo teórico integral de tradução em Francis Aubert” etc.

Podemos mencionar também os trabalhos recentemente defendidos no primeiro curso de mestrado em estudos da tradução no Brasil, da Universidade Federal de Santa Catarina, a Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). Iniciado em 2003, o curso começou com uma turma de 17 alunos e hoje conta com cerca de 80 inscritos regularmente e outros como alunos especiais. Dos trabalhos defendidos desde o seu início, os temas abordados também ajudam a tecer um panorama dos interesses dos pesquisadores mais recentes, a saber:

- a. Tradução e lexicografia (estudos sobre dicionários bilíngües);
- b. Tradução jornalística (textos jornalísticos e linguagem publicitária);
- c. Tradução e lingüística de corpora (estratégias de tradução);
- d. Tradução e lingüística sistêmica;
- e. Tradução e linguagem semiótica;
- f. Tradução literária e poética (alguns autores pesquisados: William Faulkner, Wiliam Blake, Antonio Porta, Roberto Arlt);
- g. Tradução técnica (elaboração de glossários terminológicos); e
- h. Tradução e legendação.

Esses trabalhos são desenvolvidos dentro de um campo mais amplo, os chamados ‘processos de re-textualização’ que, por sua vez, são divididos entre as seguintes linhas de pesquisa:

1. Teoria, crítica e história da tradução: contempla aspectos de especificidades culturais, históricas e ideológicas, através de diferentes teorias de tradução, abordagens críticas e avaliações analíticas de traduções, além de pesquisas sobre os percursos históricos da tradução e o estudo de corpora de textos traduzidos, buscando verificar os procedimentos teóricos subjacentes à atividade, sua contextualização e desenvolvimento históricos.
2. Lexicografia, tradução e ensino de línguas estrangeiras: contempla a lexicografia, do ponto de vista do ensino de línguas; a produção de dicionários monolíngües, bilíngües, ‘bilingualised’; a contribuição dos estudos de corpora para a produção de dicionários alternativos e descrição de traduções; a prática de tradução; o estudo dos processos tradutórios (cognitivos e textuais) em sua relação com a aprendizagem de línguas estrangeiras; os recursos tecnológicos e a tradução.

Como você pode observar, os estudos da tradução vêm conquistando um espaço cada vez maior na área acadêmica, estruturando-se não só de forma independente como também em interfaces com várias outras áreas de pesquisa. Tal fato permite não só o crescimento dos estudos constitutivos da tradução em si, mas também a noção de sua importância, que permeia todas as áreas do saber.

Resumo

Nessa unidade você conheceu um pouco mais sobre os rumos de pesquisas recentes em tradução feitas no Brasil e também na Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução. As pesquisas registram a grande tendência de pesquisas vinculadas aos estudos literários e, por outro lado, demarcam o campo interdisciplinar dos estudos tradutórios com temas relativos ao jornalismo, propaganda, análise do discurso, lexicografia, semiótica e legendação. Ainda que predominem trabalhos de cunho mais literário, é importante lembrar que a tradução não se fixa só nessa área e que, realmente, é possível realizar pesquisas de caráter inovador em áreas afins da comunicação.

Sugestões de Leitura:

PAGANO, Adriana et al. **Estudos da Tradução no Brasil** = Translation Studies in Brazil. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. 1 CD-ROM.

_____; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **“Formando” Futuros Pesquisadores:** Palavras-chave e afiliações teóricas no campo disciplinar Estudos da tradução. Disponível em: <www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos17/adriana_marialucia.pdf>. Acesso em: maio 2007.

_____; _____. **Estudos da tradução no Brasil:** reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300003>. Acesso em: maio 2007.

PGET – Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br/>>. Acesso em: maio 2007.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis.** Uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Unidade G

Prática de Tradução

1 Prática de Tradução

Para esta última parte do nosso curso, selecionamos alguns textos para você observar diferenças e semelhanças e começar a refletir sobre a prática da tradução. Neles você pode observar o processo de tradução em textos jornalísticos extraídos da internet. Lembramos que, para o caso de você querer trabalhar questões tradutórias nesse tipo de texto, é importante deixar claro para os seus alunos a fonte desse material. Procure selecionar os textos sempre partindo de uma mesma fonte, como a internet, neste caso, visto que fontes diferentes (jornais, internet, revistas etc.) têm abordagens distintas em termos de linguagem escrita em razão do público leitor. Observe nos textos a seguir como as mesmas idéias, notícias, estão escritas em português e em espanhol. Seria a mesma abordagem? Haveria diferenças, informações complementares em um texto e a ausência dessas em outro?

Você vai aprender a trabalhar melhor esses aspectos em um segundo momento, na continuidade deste curso, no segundo semestre. Por hora, gostaríamos que você entendesse os principais conceitos, a trajetória da tradução, sua história e sua evolução como ciência.

Vamos aos textos:

TEXTO 1a - Maradona ingresa de nuevo en el hospital

FÚTBOL - **A. CIRIZA / EFE** 13/04/2007 – Fonte: <http://www.elpais.com/articulo/deportes/Maradona/ingresa/nuevo/hospital/elpepudep/20070413elpepudep_5/Tes>

Data de acesso: 14/02/2008

El ex futbolista argentino ha sufrido una recaída y está siendo sometido a terapia intensiva

Maradona regresa al hospital. Tan sólo dos días después de que recibiese el alta médica tras superar un proceso de hepatitis tóxica, el ex futbolista

lista ha sufrido una recaída que ha obligado a su reingreso en un centro hospitalario. Maradona, acompañado en todo momento por su médico personal y su novia, fue trasladado en una ambulancia al Hospital Madre Teresa de Calcuta de Ezeiza, donde permanece ingresado en la Sala de Terapia Intensiva.

ELPAIS.com se ha puesto en contacto con el centro hospitalario, que ha confirmado el ingreso del astro argentino sobre las 4:45 de la madrugada. El motivo de su traslado han sido unos fuertes dolores abdominales derivados del proceso de hepatitis tóxica padecido con anterioridad. De momento, se desconoce el tiempo que permanecerá internado en el hospital, aunque el caso no reviste gravedad.

Este nuevo episodio corrobora la precariedad del estado de salud de Diego Armando Maradona, que nada más recibir el alta médica, hace apenas 72 horas, aseguraba que presenciaría el próximo partido de Boca Juniors en el estadio de La Bombonera. El ex jugador de Boca Juniors, Barcelona y Nápoles, entre otros equipos, será trasladado en las próximas horas a la clínica Los Arcos de Buenos Aires. En estos momentos, Maradona se encuentra "sedado" y "controlado".

Los médicos que le han atendido han descartado en principio que el ex futbolista tenga un cuadro de pancreatitis crónica, aunque recomendaron que el paciente siga bajo observación. Oscar Cicco, director del hospital, ha manifestado que el paciente "está estable" y fuera de peligro, aunque ha recomendado que permanezca bajo vigilancia médica de dos a tres días más. El médico ha explicado que el ex deportista ingresó con un "fuerte dolor abdominal", fue examinado por los médicos de guardia y, "por sus antecedentes", fue derivado a la unidad de cuidados intensivos. En cuanto al estado de ánimo del ex deportista, ha afirmado que aunque Maradona manifestó "preocupación y dolor", se ha mostrado "muy colaborador en todo momento" con el personal sanitario.

Por su parte, el médico personal del 'Pelusa', Alfredo Cahe, ha declarado a una radio local que el ex futbolista "está compensado". El galeno ha reiterado que no estuvo de acuerdo con que el ex futbolista abandonara este miércoles el sanatorio Güemes, aunque indicó que "se le dio el alta porque los exámenes que le hicieron daban resultados normales". Además, Cahe ha manifestado que todavía faltan por hacer "algunos estudios complementarios, como un examen cerebral".

TEXTO 1b - Maradona é novamente hospitalizado na Argentina**Em Buenos Aires (Argentina)**

13/04/2007 – **AFP** - Fonte: <<http://esporte.uol.com.br/ultimas/afp/2007/04/13/ult33u63058.jhtm>>

Data de acesso: 14/02/2008

O ídolo argentino Diego Maradona teve que ser internado mais uma vez na madrugada desta sexta-feira em uma unidade de terapia intensiva, dois dias depois de ter recebido alta por uma hepatite por intoxicação alcoólica.

Maradona, de 46 anos de idade, foi levado com urgência a um centro médico, 30 km ao sul de Buenos Aires, com fortes dores abdominais.

As primeiras informações apontam que Maradona passa bem e que os exames realizados nesta sexta tiveram resultado favorável, segundo relatou Oscar Sico, diretor do Hospital Teresa de Calcutá, onde o ídolo está hospitalizado.

“Ele se encontra em bom estado de saúde em geral. Chegou ao hospital com dores bastante fortes na região abdominal. Pode ser um quadro infeccioso no pâncreas, pode ser uma úlcera duodenal, mas ainda não sabemos. Mas não apresenta sinal de outra doença”, afirmou. O diretor complementou que Maradona deve ficar internado de dois a três dias porque é um paciente que necessita de cuidado médico. “Ele é um paciente colaborador, está estável e já acalmamos sua dor.”

Poucas horas após a internação, os médicos já se mostravam otimistas em relação ao progresso do estado de saúde do astro. “Ele já não sofre dor estomacal, está dentro dos parâmetros normais e lúcido”, afirmou Sico.

Sem querer precipitar, o médico disse que o problema antigo já está superado. “O quadro hepático está controlado. Não podemos ainda diagnosticar uma doença porque é preciso completar os exames. Mas pode ser uma gastrite aguda”, revelou. “Ele não comeu nem bebeu nada estranho e apenas seguiu a dieta que Cahe (médico particular de Maradona) lhe deu.” O craque argentino permaneceu 13 dias internado em um leito comum por excessos com a bebida que provocaram uma crise hepática.

O ex-jogador do Nápoli, Barcelona e Boca Juniors esteve à beira da morte em 2004 em decorrência de um severo quadro cardiovascular e respiratório, provocado na época pelo consumo de drogas.

Maradona está acompanhado da namorada, Verónica Ojeda, em cuja residência estava hospedado desde que deixou uma clínica particular da capital. Apesar do craque argentino ter anunciado na quinta-feira que Alfredo Cahe não era mais seu médico pessoal, foi justamente ele que o atendeu novamente em uma nova emergência. Apesar da internação de urgência, o astro não corre risco de morte, segundo informou o médico. “Ele não corre perigo de vida. Entrou no hospital com uma forte dor abdominal”, disse Cahe à Rádio del Plata.

TEXTO 2a - Las aventuras de Pequeño Bush – Unos irreverentes dibujos animados ridiculizan la política estadounidense

YOLANDA MONGE - Washington - 15/06/2007 - <http://www.elpais.com/articulo/ultima/aventuras/Pequeno/Bush/elpepuint/20070615elpepiult_1/Tes>

Data de acesso: 14/02/2008

El fornido colegial cree que Bagdad es el lugar en el que comprar un regalo para el Día del Padre (que este domingo se celebra en EE UU). Al fin y al cabo la palabra contiene “dad” (papá en inglés)... Señoras y señores, con ustedes: “El Pequeño Bush: Residente de Estados Unidos”. Pero no viene solo. Llega de la mano de sus amiguitos: Pequeño Cheney, Pequeña Condi, Pequeña Clinton y - ¡oh, lástima para los creadores! -, desgraciadamente demasiado tarde para Pequeño Rummy (el secretario de Defensa Donald Rumsfeld fue fulminantemente despedido el otoño pasado, aunque se ha mantenido el personaje, no en vano la voz se la pone Iggy Pop, cuyo caché no debe ser “pequeño” exactamente). La nueva serie de dibujos animados del canal por cable Comedy Central - que lanzó a la fama a *South Park* - está llena de incorrección política. Lo que en EE UU es sinónimo de escándalo.

El primer episodio de la serie, colgado en una ‘web’, obtuvo más de un millón de visitas

Literal: Pequeño Cheney se introduce en el útero de la madre del actual presidente de EE UU. Literal: “Barb” acoge en su seno al actual vicepresidente norteamericano. Es la visión surrealista de los guionistas de la nueva serie, entre los que se encuentra Donick Cary, creativo de *Los Simpsons* y del *Show de David Letterman*, de lo que hubiera sido una aventura entre mamá Barbara y Dick Cheney. Pero Barbara Bush tiene más papel. La mujer y madre de presidentes acosa sexualmente a un niño y acaba abortando en una clínica en la que Hillary Clinton, Pequeña

Clinton, trabaja “para pasar el rato” después de la escuela. Pequeña Condi no para de pedirle besos a Bush y confesarle su amor mientras éste sólo tiene ojos para una Laura Bush que es totalmente muda e inexpresiva...

En el primer episodio el día del padre está por llegar y Pequeño Bush quiere hacerle un regalo muy especial a su *papi*, pero no tiene ni idea sobre qué le puede regalar al hombre más poderoso del planeta. “Ya está”, se dice, “voy a buscar buenas noticias en Irak, le voy a regalar algo bueno de esta guerra”. Pequeño Bush decide alistarse en el Ejército. Para ello tiene que pasar un *test* psicotécnico que consiste en escribir adecuadamente el propio nombre y la fecha del día. “El nombre está bien”, le dice el examinador. “Pero como fecha de hoy has escrito la palabra tomate”... “No pasa nada: ¡bienvenido al ejército!”, le felicita.

Así que Pequeño Bush se va a la guerra con sus amigos Pequeña Condi, Pequeño Cheney y Pequeño Rumsfeld para descubrir que en realidad Irak esconde el mejor parque temático del mundo, donde el dinero y el petróleo emanan de todas las fuentes posibles, Halliburton-Land.

Irreverencia tras irreverencia, pero todas cargadas de actualidad y crítica política. El germen de la serie fue en origen un éxito en el teléfono móvil de miles de americanos, quienes recibían en breves episodios de cinco minutos las aventuras de Pequeño Bush formándose para llegar algún día a ser presidente. Cuando el primer episodio se colgó de la página web break.com obtuvo más de un millón de visitas. Comedy Central se percató del éxito de los episodios y encargó una primera temporada que consta de seis capítulos y que ha empezado a emitirse en la noche del pasado miércoles. Sin duda, el personaje que brillará con luz propia será “el mejor amigo de Pequeño Bush”, el ligón que seduce a su madre, Pequeño Cheney, que no es capaz de pronunciar una palabra y se alimenta de la sangre de pájaros vivos tras arrancarles la cabeza.

Pero Pequeño Bush no sólo se ensaña con la Administración republicana y las polémicas elecciones de 2000, el escándalo de Halliburton... En el episodio de la próxima semana, Pequeño Bill intenta devorar a las gemelas Lewinsky hasta que la sargento Hillary viene a darle unos azotes. Busquen ustedes los parecidos con la realidad.

TEXTO 2b - As aventuras de Pequeno Bush

Desenho animado irreverente ridiculariza a vida política nos EUA

15/06/2007 - **Yolanda Monge - Em Washington - Fonte: <<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/elpais/2007/06/15/ult581u2140.jhtm>>**

Data de acesso: 14/02/2008

O colegial robusto crê que Bagdá é o lugar ideal para comprar um presente para o Dia dos Pais (que se comemora neste domingo nos EUA). Afinal, em inglês a palavra contém “dad” (papai)... Senhoras e senhores, com vocês, “O Pequeno Bush, Residente dos Estados Unidos”. Mas ele não vem sozinho. Chega de mãos dadas com seus amiguinhos: Pequeno Cheney, Pequena Condi, Pequena Clinton e - oh! Que pena para os criadores - infelizmente tarde demais para o Pequeno Rummy (o secretário da Defesa demitido fulminantemente no outono passado; mas o personagem foi mantido, com a voz de Iggy Pop, cujo cachê não deve ser exatamente pequeno).

A nova série de desenhos animados do canal a cabo Comedy Central - que lançou à fama “South Park” - está cheia de incorreção política. O que nos EUA é sinônimo de escândalo. Literal: Pequeno Cheney se introduz no útero da mãe do atual presidente americano. Literal: “Barb” acolhe em seu seio o atual vice-presidente. É a visão surrealista dos roteiristas da nova série, entre eles Donick Cary, criador de “Os Simpsons” e do “David Letterman Show”, do que teria sido uma aventura entre mamãe Barbara e Dick Cheney. Mas Barbara Bush tem mais papel. A mulher e mãe de presidentes assedia sexualmente um menino e acaba abortando numa clínica em que Hillary Clinton, a Pequena Clinton, trabalha “para passar tempo” depois da escola. Pequena Condi não pára de pedir beijos a Bush e de lhe confessar seu amor, enquanto este só tem olhos para uma Laura Bush que é totalmente muda e inexpressiva.

No primeiro episódio o Dia dos Pais está chegando e Pequeno Bush quer lhe dar um presente muito especial, mas não tem idéia do que pode dar ao homem mais poderoso do planeta. “Já sei”, diz. “Vou procurar boas notícias do Iraque, vou lhe dar algo bom dessa guerra.” Pequeno Bush decide se alistar no exército. Para isso tem de passar num teste psicotécnico que consiste em escrever adequadamente o próprio nome e a data. “O nome está certo”, diz o examinador. “Mas como data de hoje você escreveu ‘tomate.’” “Não faz mal: bem-vindo ao exército!”

Assim, o Pequeno Bush vai à guerra com seus amigos Pequena Condi, Pequeno Cheney e Pequeno Rumsfeld para descobrir que na rea-

lidade o Iraque esconde o maior parque temático do mundo, onde o dinheiro e o petróleo brotam de todas as fontes possíveis. O nome do parque de diversões não poderia ser outro senão Halliburton-Land. Irreverência atrás de irreverência, mas todas carregadas de atualidade e crítica política.

O germe da série foi um sucesso no telefone celular de milhares de americanos, que recebiam em breves episódios de cinco minutos as aventuras de Pequeno Bush formando-se para um dia chegar a ser presidente. Quando o primeiro episódio foi publicado no site Break.com, teve mais de um milhão de visitantes. A Comedy Central percebeu o êxito dos episódios e encomendou uma primeira temporada de seis capítulos, que foi ao ar na noite de quarta-feira passada.

Sem dúvida, o personagem que brilhará com luz própria será “o melhor amigo de Pequeno Bush”, o que seduz sua mãe: o Pequeno Cheney, que não é capaz de pronunciar uma palavra e só se alimenta de sangue de pássaros vivos depois de arrancar suas cabeças. Mas Pequeno Bush não se atrapalha só com o governo republicano e as polêmicas eleições de 2000, o escândalo Halliburton ou a maneira como Bush e seus neocons manipularam a imprensa para evitar que as más notícias do Iraque chegassem aos cidadãos. No episódio da próxima semana, Pequeno Bill tenta devorar as gêmeas Lewinsky até que o sargento Hillary vem lhe dar uma surra. É o mundo animado de Pequeno Bush; teria muitas semelhanças com a realidade?

Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves

TEXTO 3a - Samba a ritmo de mafia - Policía y Parlamento investigan amaños en el concurso del Carnaval de Río.

JORGE MARIRRODRIGA - Buenos Aires - 13/06/2007 -
Fonte: <http://www.elpais.com/articulo/ultima/Samba/ritmo/mafia/elpepuint/20070613elpepiult_1/Tes>

Data de acesso: 14/02/2008

Para los cariocas, habitantes de Río de Janeiro, el evento más importante del mundo es su carnaval, y la competición de *escolas de samba* que durante varias noches desfilan por el *sambódromo* adquiere paradójicamente las características de una liturgia casi sagrada en una fiesta que debería resaltar lo mundano.

Los agentes hallaron 1,5 millones de euros ocultos en un piso donde se guardaban regalos para el jurado.

Por eso mismo, la investigación oficial sobre la influencia de la mafia en la fiesta, hasta el punto de amañar el resultado final y designar a la *escola* vencedora, ha caído como una losa no sólo en la ciudad del fútbol de fantasía y las playas de ensueño sino en todo el país. La Policía Federal investiga si las amenazas y regalos recibidos por miembros del jurado por parte de personas conectadas con la mafia local influyeron en el resultado de este año, en que la *escola* Beija-Flor logró el triunfo.

El carnaval, en su desmesura, es mucho más que una fiesta. El desfile es retransmitido durante días en directo por las televisiones que lo comentan con la misma precisión de una reñida competición deportiva. Es un escaparate que incluso en ocasiones anteriores fue aprovechado por políticos locales y foráneos, como el venezolano Hugo Chávez, que en 2006 patrocinó a la escola vencedora en una de las categorías. Y en las calles y garitos clandestinos de Brasil corre dinero de las apuestas sobre quién vencerá. Mucho dinero. Además, de forma teóricamente legal, se mueven ingentes sumas en patrocinios y subvenciones.

Según un informe de la División de Contrainteligencia de la Policía Federal que ha llegado a los medios brasileños y a manos de la fiscalía, varias personas relacionadas con la *mafia de las tragaperras* estarían implicadas en la trama de presión al jurado; se alternaban los regalos con la actuación de pistoleros. La policía ha interceptado conversaciones entre un corredor de apuestas clandestinas con el ex presidente de la Liga Independiente de Escuelas de Samba y con un abogado sobrino de éste. Todos comparten un interés por la victoria de la agrupación que finalmente resultó ganadora, y haber sido puestos entre rejas en una operación policial llamada Huracán.

El ex presidente de la Liga, Aílton Guimarães, y el corredor de apuestas, Aniz Abraão, son considerados cerebros del fraude. Guimarães además era secretario general de la Asociación de Bingos del Estado de Río, y fue acusado en el pasado de desviar fondos para sobornar a la policía y para la financiación ilegal de campañas políticas. El sobrino, Júlio César Guimarães, era responsable de la elección de los jurados y ordenó que a éstos se les facilitara un lote de regalos, que la policía ve como soborno. En una de las cintas se habla de un piso franco en Río donde están los lotes. Fue allí donde los agentes descubrieron tras un falso muro cuatro millones de reales (1,5 millones de euros). El abogado dice que la su-

posición de la policía es “absurda” y que los lotes mencionados eran de camisetas con la palabra *Jurado*, así como reglamentos del concurso.

El escándalo ha trascendido a la política. El prefecto de Río, César Maia, niega haber pagado ninguna comisión a los participantes en el desfile, tal y como apunta un comité parlamentario de Investigación que entrega los balances de la ciudad al Tribunal de Cuentas. El lunes el comité escuchó el testimonio de los 40 jurados del Carnaval. La presidenta del comité, Teresa Bergher, ha advertido de que es muy posible que controlen también anteriores carnavales.

TEXTO 3b - Brasil tem samba em ritmo de máfia, diz ‘El País’

Publicada em 13/06/2007 às 06:49

BBC – Fonte: <<http://extra.globo.com/rio/plantao/2007/06/13/296152359.asp>>

Data de acesso: 14/02/2008

LONDRES - As acusações de que o resultado do Carnaval do Rio de Janeiro deste ano possa ter sido influenciado por propinas e ameaças aos jurados “caiu como uma bomba” na “cidade do futebol fantástico e das praias de sonho”, segundo afirma reportagem publicada nesta quarta-feira pelo diário espanhol El País.

Sob o título “Samba em ritmo de máfia”, o jornal comenta que “a Polícia Federal investiga se as ameaças e presentes recebidos por membros do júri de pessoas ligadas à máfia local influenciaram no resultado deste ano, no qual a escola Beija-Flor conseguiu a vitória”.

“Para os cariocas, habitantes do Rio de Janeiro, o evento mais importante do mundo é o Carnaval, e o concurso das escolas de samba que durante várias noites desfilam pelo sambódromo adquire paradoxalmente as características de uma liturgia quase sagrada em uma festa que deveria ressaltar o mundano”, observa a reportagem.

O jornal afirma que o Carnaval já é “muito mais que uma festa” e que o concurso das escolas de samba movimenta “muito dinheiro”.

Considerações Finais

Nossa Última Conversa...

Caro(a) aluno(a),

Neste curso sobre Introdução aos Estudos da Tradução objetivamos oferecer a você uma introdução, ainda que breve, dessa disciplina, apesar de abordar variados aspectos concernentes à área, reunindo algumas das mais importantes tendências e contribuições dos estudos tradutórios. Apresentamos a você os principais conceitos e modelos de estudos tradutórios dentro de uma área de pesquisa que vem crescendo e se desenvolvendo rapidamente nas últimas décadas. Nosso foco neste material de estudo é a tradução em sua forma escrita e não como interpretação oral, como você bem notou.

Buscamos apresentar a você uma visão abrangente dos principais pontos da área, selecionamos e organizamos os tópicos de estudo da seguinte maneira, como lhe apresentamos na Introdução deste material, nas nossas *conversas iniciais*:

- Primeiros percursos, abrangendo alguns conceitos e definições de tradução;
- Alguns caminhos e teorias, com a apresentação do modelo de Holmes, dados históricos e teorias contemporâneas da tradução;
- O Funcionalismo, apresentando algumas teorias funcionalistas;
- A década de 90 para os estudos da tradução;
- A tradução vista como processo e produto;
- Mapeamento da disciplina;
- Prática de tradução (noções iniciais).

Em relação à organização das seções deste material, você encontrou ao final de cada item abordado um resumo de todo o conteúdo e também sugestões de leitura incluindo uma bibliografia especializada bem como *links* para pesquisas na internet.

Foi nosso objetivo lhe mostrar o quanto a área dos Estudos da Tradução se constitui em uma disciplina de pesquisa envolvente e fascinante, pois com ela podemos divulgar e aproximar diversos contextos culturais e históricos. Esperamos agora, ao final deste curso, que você não só tenha uma visão mais completa desta área de estudo como também tenhamos acordado em você a vontade de fazer parte dela.

Igualmente, no início desta jornada, nós lhe solicitamos que escrevesse um conceito do que seria **tradução** para você. Você o redigiu. Por favor, volte a ler o que você escreveu. Nossa pergunta: Você mantém seu conceito inicial ou você mudou de opinião? Por quê? Por favor, escreva aqui o que a **tradução** significa para você agora, após o estudo que você fez em nossa companhia:

Glossário

1. *Abordagem funcionalista* – vê a tradução como um ato de comunicação intercultural. Parte da função comunicativa que certas estruturas lingüísticas exercem dentro de um determinado contexto e da análise das estruturas que cooperam para realizar essa função, caracterizando a intenção pragmática (concreta) do usuário da língua. Surge nos anos 70 e tem seu auge nos anos 80 e 90 e seus principais representantes são: Katharina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord.
2. *Abordagem sistemática; orientada* – termos que designam o caráter das pesquisas em tradução a partir da década de 50, quando Eugene Nida utiliza o termo *ciência* pela primeira vez para se referir aos estudos da tradução.
3. *Abordagem transcultural* – Trabalhos tradutórios que priorizam o papel da cultura, ou seja: não existe língua, nem trabalho tradutório com línguas, sem a influência da cultura a elas atrelada.
4. *Addressee* – termo que designa o receptor ou o público intencionado pelo autor no TF, juntamente com seus conhecimentos culturais, expectativas e necessidades comunicativas específicas. Está presente nas teorias de Hans Vermeer e Christiane Nord.
5. *Análise contrastiva* – diz respeito a pesquisas realizadas da década de 30 a 60 e 70, cujo objetivo era o estudo de duas línguas em contraste a fim de se identificar diferenças gerais e específicas entre elas.
6. *ANPOLL* - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística.
7. *Calque* - ação na qual se traduz ou introduz uma palavra ou expressão em língua estrangeira para vocabulário nativo.

8. *Corpora computadorizados* – textos paralelos (ou seja, um mesmo texto em sua versão original e traduzida) digitalizados com o objetivo de oferecer informações extensivas para trabalhos de caráter descritivo. Os textos são eletronicamente armazenados, o que facilita o estudo de características da linguagem traduzida.
9. *Correspondência* – segundo Catford, a correspondência fundamenta-se na formalidade, isto é, baseia-se no sistema de um par de sistemas lingüísticos similares.
10. *DTS* – *Descriptive Translation Studies* – estudos descritivos da tradução e que abordam a tradução como fenômeno.
11. *Equivalência* – termo que designa relações entre o TF e o TT do ponto vista lexical, sintático, de conteúdo, semântico, do leitor, do autor, dependendo da afiliação teórica do pesquisador. Segundo Catford, as relações de equivalência estão sempre amarradas a um par de TF e TT específicos.
12. *Estrangeirização e domesticação* – termos cunhados por Venuti para definir a sua visão dos métodos de tradução: a estrangeirização mantém uma aproximação maior com o TF e não se preocupa com a literalidade formal, enquanto a domesticação procura “domar” o TF, fazendo com que seja lido como se tivesse sido originalmente produzido na língua do leitor. Esses métodos lembram aqueles propostos por Schleiermacher: levar o leitor para o autor e levar o autor até o leitor, respectivamente.
13. *Fidelidade* - pode ser abordada de maneiras diferentes dependendo da afiliação teórica de cada pesquisador, portanto esse conceito pode estar ligado à reprodução das idéias fiéis do autor, do conteúdo ou estilo do TF; pode ainda estar voltado ao leitor ou à cultura de chegada. Normalmente, fidelidade envolve debates sobre questões lexicais, sintáticas, culturais e estilísticas.

14. *Função* – na lingüística tem a ver com uma perspectiva sócio-cultural da língua, designando a relação entre uma forma e outra (função interna), entre a forma e o significado (função semântica) ou entre o sistema de forma e o contexto (função externa).
15. *Hermenêutica* - interpretação do sentido das palavras, tomando-se o texto como uma unidade de sentido, método originário dos textos sagrados.
16. *Intercultural* – termo que trata das relações estabelecidas entre culturas diversas por meio da tradução.
17. *Interface* – resulta da possibilidade de estabelecer ligações entre a área dos estudos da tradução com outras áreas de pesquisa. Essas mudanças dizem respeito a métodos de pesquisa e conteúdos que começam a mesclar abordagens lingüísticas, literárias e culturais. As pesquisas adquirem um caráter empírico, o que altera o perfil da disciplina com investigações sobre a estrutura do processo de tradução.
18. *Invisibilidade* – termo proposto por Lawrence Venutti para se referir à atitude de alguns tradutores que desejam “desaparecer” atrás de uma tradução fluente, da produção de um TT totalmente legível na língua-alvo, domesticado, como se tivesse sido escrito, originalmente, na língua-alvo, criando assim a ‘ilusão da transparência’.
19. *Lingüística de corpus* – é uma área interdisciplinar que vem tendo um grande desenvolvimento desde a década de 80 na Europa e, mais recentemente, nos Estados Unidos. Suas aplicações se fazem sentir tanto na área da Lexicografia quanto nos estudos sistemáticos do uso da língua, em trabalhos de tradução, Lingüística Aplicada e em Processamento de Linguagem Natural. A interdisciplinaridade constitutiva dessa área de estudos tem

possibilitado a troca de experiências e uma real colaboração entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

20. *Metodologia interdisciplinar* – desloca as pesquisas em tradução para campos afins na área da comunicação, como é o caso do jornalismo, ou para áreas mais distantes, porém instigantes, como as traduções nas áreas técnica e científica.
21. *Modelo teórico causal* - pesquisa as atitudes do tradutor numa determinada fase da tradução, as causas de suas decisões contrapostas às instruções recebidas do cliente, do propósito da tradução, as suas próprias influências sócio-culturais no texto; o que essas decisões podem causar para e quais os seus efeitos nos leitores, no próprio tradutor e no ambiente sócio-cultural.
22. *Modelo teórico comparativo* - estático e orientado ao produto, além de ser centrado em algum tipo de relação de equivalência.
23. *Modelo teórico processual* – estuda a tradução enquanto um processo e introduz dimensões de tempo, sendo, portanto, um modelo dinâmico em relação ao modelo comparativo.
24. *PGET* - Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
25. *Pós-colonialismo* – termo que trata de possíveis conseqüências ideológicas da tradução e do seu papel ativo no processo da colonização e na disseminação de uma imagem, ideologicamente motivada, de povos colonizados, especialmente na cultura ocidental. Essa imagem é aceita como a única real e verdadeira e funciona como a imposição de valores ideológicos do colonizador.
26. *Prática derivacionista* – termo que caracterizava a prática da tradução até os anos 50, quando ainda estava conectada, ou seja, derivava, primeiramente, do ensino e aprendizado de línguas estrangeiras.

27. *Prática tradutória* – ato concreto, realização, da tradução; ato tradutório; atividade tradutória.
28. *Protocolos verbais* – registros, em gravação, dos procedimentos que o tradutor utiliza durante a tradução.
29. *Shift* - Translação, movimento, transferência.
30. *Signo, significante, significado* – relações estabelecidas por Saussure e que fomentam discussões acerca de (im)possibilidades de equivalência textual, como no caso da equivalência interlingual, em que um signo corresponde exatamente ao outro em termos de significação.
31. *Skopos* – palavra grega que define o “propósito ou a função” da tradução, tal como teorizado pelo alemão Hans Vermeer em 70; origina a *Skopostheory*.
32. *Targumin* - traduções para o aramaico dos Escritos Sagrados e do Cânone Judaico.
33. *Teorias da tradução* – estabelecem princípios gerais para prever e explicar o fenômeno da tradução.
34. *Teorias descritivas* – descrevem a tradução como fenômeno.
35. *Teorias pós-colonialistas* – estudam a questão do aspecto colonizador que, segundo alguns teóricos, a tradução pode exercer.
36. *Tipologia textual* – termo cunhado por Katharina Reiss na década de 70 e que unia algumas funções e dimensões da linguagem; situações comunicativas.
37. *Tradução* – ato comunicativo intercultural realizado entre comunidades que possuem línguas, culturas e vivências diferenciadas.
38. *Tradução como processo* – diz respeito a um mapeamento cognitivo dos procedimentos que envolvem a prática tradutória

através de registros (protocolos verbais) gravados pelo próprio tradutor durante o processo efetivo da tradução.

39. *Tradução como produto* – o texto traduzido existe de forma independente do texto original. O estudo do TT, priorizado em relação ao seu original, permite o levantamento de problemas existentes e estratégias utilizadas pelo tradutor para solução dos mesmos.
40. *Tradução interlingual* – ocorre entre comunidades com sistemas lingüísticos e culturais distintos.
41. *Tradução intersemiótica* – ocorre através da interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas de signos não-verbais; por exemplo, quando um texto escrito é traduzido para o layout de uma música, filme ou pintura.
42. *Tradução intralingual* – ocorre entre comunidades que fazem uso do mesmo sistema lingüístico e que podem ou não compartilhar de um mesmo sistema cultural.
43. *Tradução literal* – ocorre ao nível da ‘palavra-por-palavra’. Termos similares são: ‘forma pela forma’; tradução fiel à letra.
44. *Tradução livre* – ocorre ao nível do ‘sentido pelo sentido’, ou seja, fidelidade ao conteúdo do TF e não ao sistema lingüístico. Também designada por *inventio*, isto é, fidelidade aos valores artísticos do texto, à idéia do texto original. É posteriormente chamada de tradução semântica por Peter Newmark.
45. *Transnacional* - vivência pós-colonial de imigrantes e, de forma mais ampla, a ‘desruptura local’ que descreve a situação daqueles que permanecem no lado, praticamente desintegrado, de suas forças ‘nativas’.
46. *Transnacionalização* – seus sinônimos são: mundialização, globalização, processo que leva à ocidentalização do mundo.

Referências Bibliográficas

BAKER, Mona. Lingüística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução? In: MARTINS, Márcia A. P. **Tradução e Multidisciplinariedade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução**: Uma nova proposta. São Paulo: Pontes, 2004.

CAMPOS, Geir. **O que é Tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

CHESTERMAN, Andrew; WILLIAMS, Jenny. **The Map**: a beginner's guide to doing research in Translation Studies. Cornwall: St. Jerome Publishing, 2002.

DUBOIS, Jean et alli. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FROTA, Maria Paula. Por Uma Redefinição de Subjetividade nos Estudos da Tradução. In: MARTINS, Márcia A. P. (Org.). **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

FURLAN, Mauri. A teoria de tradução de Lutero. In: ENDRUSCHAT, Annete; SCHÖNBERGER, Axel (Orgs.). **Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische**. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2004. p. 11-21. Também disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/MauriFurlan/Mauri_Furlan_-_A_Teoria_de_Traducao_de_Lutero.doc>. Acesso em: maio 2007.

_____. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - II**. A Idade Média. Disponível em: <www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/mauri.pdf>. Acesso em: junho 2007.

_____. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - III**. Final da Idade Média e o Renascimento. Disponível em: <www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos13/mauri.pdf>. Acesso em: junho 2007.

GENTZLER, Edwin. **Contemporary Translation Theories**. London: Routledge, 1993.

GUERINI, Andréia; FURLAN, Mauri. **História da Tradução**. Apostila elaborada para o primeiro ano do curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. **Translation**: An Advanced Resource Book. NY: Routledge Applied Linguistics, 2004.

HEIDERMAN, Werner. Tradução sem Fio: da "Festa da Tainha" à "Festa do Mujen". In: NUT – Núcleo de Tradução. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: EDUFSC, nº 5, p. 163-182, 2000.

THE HISTORY of Translation Day. Este site traz a história sobre o dia internacional da tradução e os temas que "o dia" vem considerando desde então. Dis-

ponível em: <<http://www.translators.org.za/indexes/english/jerome/jerome-history.html>>. Acesso em: maio 2007.

LANZETTI, Rafael. **Quadro Histórico das Teorias de Tradução**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-14.html>>. Acesso em: maio 2007.

LOGUS Multilingual Portal. Este site traz um curso interativo de introdução à tradução. Do seu original, em italiano, foi traduzido para diversas línguas. Disponível em: <http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.corso_traduzione_en?lang=em>. Acesso em: maio 2007.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. NY: Routledge, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Texto e Linguagem).

NORD, Christiane. Comunicarse Funcionalmente En Dos Lenguas. In: FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina; WORJAK, Berd (Ed.). **Léxico especializado y comunicación interlingüística**. Granada: Granada Lingüística, 2004. p. 285-296.

_____. Defining Translation Functions: The Translator Brief as a guideline for the trainee translator. In: LÖRSCHER, Wolfgang (Ed.). **Ilha do Desterro: Translation Studies in Germany**. Florianópolis: EDUFSC, 1997b. p. 39-53.

_____. **Functionalist Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997a.

_____. **Text Analysis in Translation**. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1991.

_____. **Text Function(s) in Bible Translation?** In: ATA Chronicle. 2003. vol. XXXIII. p. 34-38.

OTTONI, Paulo. **O papel da lingüística e a relação teoria e prática no ensino da tradução**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~ottonix/OPAPELDA-LINGSTICAEARELAOTEORIAEPRTICANOENSINODATRADUO.htm>>. Acesso em: maio 2007.

PAGANO, Adriana et al. **Estudos da Tradução no Brasil** = Translation Studies in Brazil. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. 1 CD-ROM.

_____; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **"Formando" Futuros Pesquisadores: Palavras-chave e afiliações teóricas no campo disciplinar Estudos da tradução**. Disponível em: <www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos17/adriana_marialucia.pdf>. Acesso em: maio 2007.

_____; _____. **Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de**

1980 e 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300003>. Acesso em: maio 2007.

PGET – Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br/>>. Acesso em: maio 2007.

SNELL-HORBY, Mary. Eine integrierte Übersetzungstheorie für die Praxis des Übersetzens. In: KÖNIGS, Frank G. (Org.): **Übersetzungswissenschaft und Fremdsprachenunterricht**: Neue Beiträge zu einem alten Thema. München: Goethe Institut, 1989. p. 15-51.

_____. **The turns of Translation Studies**. New paradigms or shifting viewpoints? Amsterdam: University of Viena; Philadelphia: John Benjamins Company, 2006.

_____. (Org.). **Übersetzungswissenschaft**: Eine Neuorientierung. 2. ed. Tübingen u. Basel: Francke Verlag, 1994.

TAVARES, Fred. **Marca, Signo e Mito**. Disponível em: <http://www.facha.edu.br/professores/artigos/fred_tavares/20051005.asp>. Acesso em: maio 2007.

WIKIPEDIA. **Tradución**. Disponível em: <<http://gl.wikipedia.org/wiki/Traduci%C3%B3n>>. Acesso em: junho 2007.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis**. Uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem**: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. [2002]. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.